

Tribuna da Luta Operária

ANO IV — Nº 100 — DE 14 A 20 DE DEZEMBRO DE 1982

Cr\$ 50,00

Neste número a TO faz o balanço de 1982. Voltaremos a circular na primeira semana de janeiro de 1983

A Pró-CUT quer barrar novo arrocho dos salários

A Comissão Pró-Central Única dos Trabalhadores reuniu-se para discutir a mobilização contra o arrocho salarial. P. 7

A centésima edição da Tribuna Operária

Vencendo as perseguições policiais do arbítrio e as dificuldades econômicas, a imprensa operária se consolida. Pág. 3

1982: o mundo capitalista no caminho da bancarrota

O desemprego e a fome atingem milhões de trabalhadores. Crise nas potências. Págs. 3 a 6

Gringos do FMI dão as ordens ao governo traidor



Depois de mentiras e mais mentiras, o governo não conseguiu mais esconder a sua incompetência e a sua submissão aos banqueiros estrangeiros. O capital internacional, através do FMI, assumiu diretamente o controle da

economia do país com missão do Sr. Stuckmeyer. E os patrões americanos estão exigindo mais arrocho e mais desemprego. Apesar de tudo, sorridente, Delfim Neto anuncia que está tudo bem. Pág. 5.

O Natal do desemprego e do arrocho salarial

Neste ano, mais que nos outros, o Natal está longe das casas dos operários. O desemprego e os baixos salários tiram a alegria natalina. P. 8

EDITORIAL

Traição nacional

Empatriótico discutir agora a sucessão presidencial, porque é preciso que todos se unam para vencer a grave crise que o Brasil atravessa — é o que disse o general Figueiredo, pressionado pelo resultado das eleições de 15 de novembro.

Pelo contrário, Sr. General. Impatriótico é exatamente deixar as coisas como estão, não debater as formas para liquidar o regime militar e para escolher um novo presidente através do voto direto dos brasileiros. Durante longos anos os atuais governantes estiveram com a faca e o queijo na mão. Mandaram e desmandaram apoiados na força das baionetas. Aplicaram em todos os terrenos a política que bem entendiam. Não escutavam as advertências e muito menos os protestos de quem quer que fosse. Inclusive perseguiam, processaram, prenderam, torturaram e assassinaram milhares e milhares de opositores que não aceitavam a falta de liberdade e as orientações entreguistas do regime.

O resultado destes negros dias de fascismo agora se tornou evidente. Já não é mais possível esconder o fracasso vergonhoso. O Brasil foi conduzido à bancarrota, escravizado por mil laços de dependência ao capital internacional. Os arrogantes generais donos do poder, e seus ministros sempre com um sorriso cínico nos lábios, agora recebem ordens de uma comissão de funcionários do FMI instalados no Palácio do Planalto.

Até os cegos enxergam claramente que este tenebroso período de domínio dos generais no poder foi uma demonstração humilhante de incompetência e de traição dos interesses nacionais. Todos os sacrifícios impostos aos brasileiros em nome do "Brasil Grande" foram na verdade para engordar os lucros dos grandes grupos econômicos, dos grandes fazendeiros, e dos grandes banqueiros internacionais. A economia bra-

sileira passou a ser comandada a partir das metrópoles do capitalismo, principalmente os Estados Unidos. Mentiram e esconderam os dados todo este tempo, agora, em desespero, pedem união para vencer a crise!

D e fato é preciso união para vencer a crise. Mas o primeiro passo é apontar à nação os responsáveis por esta crise, e tirá-los imediatamente do poder. União do povo e não união com os vendepátria. União para por fim ao regime militar e para conquistar de imediato um governo provisório que represente os democratas e a unidade popular. Os atuais donos do poder se revelaram inteiramente incapazes para dirigir o país. O povo tem que tomar em suas mãos os destinos do Brasil e trilhar os caminhos da salvação e da recuperação nacional. Seria impatriótico não adotar medidas energéticas para que isto se concretize o mais urgente possível.

É necessário também desmascarar as teses dos entreguistas que alegam ser impossível fugir da crise internacional. Nada nos obriga a permanecer no pântano capitalista mundial. O Brasil tem riquezas e capacidade para traçar seu caminho independente. E tem um povo trabalhador capaz de construir um novo sistema social, sem multinacionais, sem atrelamento aos bancos estrangeiros, sem dívida externa.

A pesar de mil fraudes e casuismos, os brasileiros, por ampla maioria, já mostraram sua oposição ao governo e manifestaram o seu anseio de liberdade e democracia. As manobras dos generais para continuar de qualquer jeito com o poder não vão mudar este sentimento popular. Pelo contrário, só servirão para convencer os trabalhadores de que não basta o voto nas urnas para construir um governo democrático e patriótico, defensor da liberdade e da soberania nacional. Mas eles saberão encontrar as outras formas necessárias para concretizar este grande ideal.

Povo na rua sacode a ditadura Argentina

Uma extraordinária multidão superior a cem mil pessoas, tomou o centro de Buenos Aires, quinta-feira à noite, sacudindo o governo militar. Convocado pelas Centrais Sindicais e pela multipartidária que reúne os principais partidos do país, o Ato exigia o fim da ditadura com a convocação de eleições gerais para maio de 1983, e também esclarecimentos sobre a malfadada Guerra das Malvinas e o destino dos "desaparecidos", vítimas da repressão fascista nos últimos seis anos.



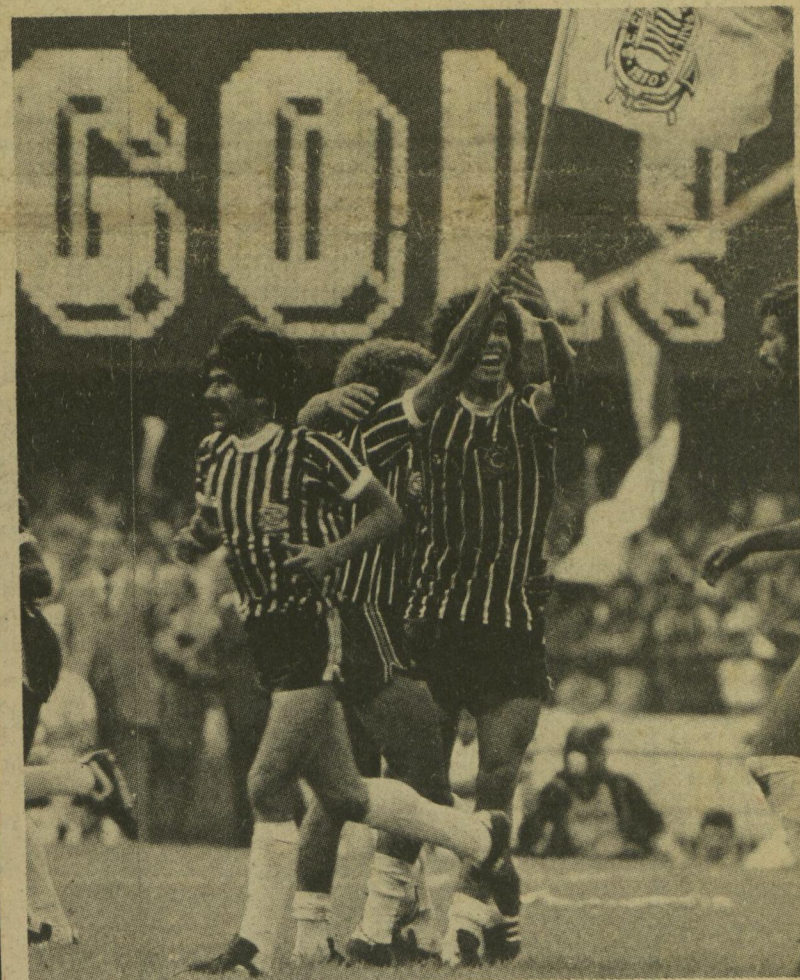
O sentimento de que é hora de dizer basta contagiou o país.

10 anos da morte de Danielli, Oest e Guilhardini

A luta dos comunistas mortos no DOI-CODI em 1972. Pág. 7

Metalúrgicos querem fim do peleguismo no Sindicato gaúcho

A chapa 2 tem o apoio das grandes fábricas



A bandeira tremula no campo e na arquibancada: é a festa corinthiana

Corinthians campeão dá alegria à torcida

Após uma excelente campanha, sempre na dianteira do torneio na soma geral dos pontos, o Corinthians é o campeão paulista. Num grande clássico, o Timão, que precisava apenas do empate, mostrou sua garra e goleou o São Paulo por 3

a 1. É um título mais do que justo para uma equipe unida e entrosada, onde não faltam a malícia do doutor Sócrates, o oportunismo do artilheiro Casagrande e o desprendimento de Biro-Biro.



Aliança de direita derrotada nas eleições de Portugal

A aliança direita que governa Portugal, A.D., foi a grande derrotada nas eleições municipais autárquicas do último dia 12. Isso, apesar do aumento das pensões, decretado pelo governo em véspera do pleito, do controle dos órgãos de informações, e de terem sido, estas, as eleições menos democráticas desde o 25 de Abril de 1974.

A eleição registrou uma significativa virada à esquerda, da opinião pública portuguesa, castigada pela maior crise econômica dos últimos oito anos. As eleições municipais tiveram uma importância muito grande. Em primeiro lugar, porque os órgãos do poder municipal nesse país gozam de poder muito mais amplo do que no Brasil. Mas mais do que isto, as eleições ganharam peso pelo caráter de julgamento do governo A.D., que elas adquiriram, transformando-se em plebiscito nacional.

QUEDA ELEITORAL

A aliança governamental teve uma



Eleitores da Ilha de Madeira assistem a um comício

queda de mais de 4% de votação em relação ao último pleito, ficando com 43% dos votos. O maior vencedor das eleições foi o P.S., de Mário Soares, que chegou a 32,2%, transformando-se

novamente no maior partido do país (a A.D. é composta por três partidos). Já o partido pró-soviético de Álvaro Cunhal ficou com praticamente a mesma votação de 1979, 20,9% dos votos.

Este resultado deixa o governo do primeiro-ministro Francisco Balsemão numa situação difícil. O P.S. e o partido de Cunhal já pediram a sua renúncia. Mesmo dentro da coalizão governamental, o Centro Democrático Social (C.D.S.), de Freitas Amaral, já questiona abertamente a liderança de Balsemão na A.D., pois o seu Partido Social-Democrata foi quem sofreu o maior revés dentro da Aliança, e o próprio presidente da República, Ramalho Eanes, já cogita convocar novas eleições gerais.

Os trabalhadores portugueses impuseram nas urnas uma derrota ao governo da A.D., e é preciso que essa vontade expressa no voto passe para a ação, para a derrubada desse governo do grande capital, dos latifúndios e do imperialismo. (Luís Fernandes)

A opção pelo mal menor

Muitos trabalhadores portugueses preferiram o mal menor: para derrotar o A.D., votaram no Partido Socialista. E a lista de candidatos da União Democrática Popular (UDP), organização de frente ampla que tem participação do Partido Comunista (Reconstruído) — (PCJR) —, teve sua votação diminuída em várias regiões do país. Há zonas particulares, exceções, onde a UDP subiu.

Mas a UDP sofreu, durante as eleições, todo tipo de ataques. Tentaram impedir sua candidatura em

Machico. Houve boicote sistemático de órgãos de informação, com mentiras e calúnias contra a UDP.

Apesar de sua baixa votação, esta frente oposicionista elegeu um bloco de autarcas populares. Elegeu (dados ainda não finais) três vereadores para a câmara de Machico (Ilha da Madeira), 20 deputados municipais, 31 representantes para as assembleias de freguesias, e ganhou a presidência da assembleia de freguesia de Machico.

(Colaboração exclusiva do jornal "Em Marcha" de Portugal)

Terroristas matam 75 crianças na Nicarágua

Na quinta-feira passada um helicóptero da Força Aérea nicaragüense, com cerca de 75 crianças a bordo, foi abatido perto da fronteira de Honduras. Segundo o Ministério da Defesa, o aparelho foi abatido por grupos somozistas que atacam e invadem a Nicarágua a partir de bases instaladas no país vizinho, com o apoio do governo norte-americano.

Um outro helicóptero que sobrevoou o local trinta minutos depois foi atingido por tiros de metralhadora. E os grupos terroristas ainda atacaram a missão de resgate enviada à região pelo governo da Nicarágua.

No sábado, mais de dez mil pessoas realizaram um ato de repúdio pela morte das crianças, no centro de Manágua, capital do país. Este episódio ocorreu pouco depois das visitas do presidente Ronald Reagan, dos EUA, e

do ministro da Defesa de Israel, Ariel Sharon, a Honduras. O atentado faz parte de uma escalada intervencionista dos Estados Unidos, que visa desencadear uma guerra entre os países da América Central para esmagar o movimento revolucionário na região e derrubar o governo Sandinista da Nicarágua.

PLANO DE AGRESSÃO

A cerca de um mês a conservadora revista americana News Week trouxe uma reportagem completa sobre o movimento dos EUA nas tentativas para derrubar o governo nicaragüense. Isto remonta a 1978, quando o então presidente Carter autorizou a CIA a financiar grupos moderados de oposição na Nicarágua, para esvaziar a influência da Frente Sandinista contra a ditadura de Somoza, que já estava com seus dias contados.

Quando os sandinistas tomaram o poder, o governo Carter ainda tentou suborná-los com promessas de ajuda

sem resultado. Com a subida de Reagan, o governo americano passou a adotar uma linha de confronto aberto para derrubar o governo da Nicarágua. Sob a alegação de que era preciso cortar as linhas de abastecimento de armas da Nicarágua para a guerrilha em El Salvador, Reagan aprovou em dezembro de 1981 um plano secreto para criar uma força pára-militar e atacar o território nicaragüense a partir de dez campos situados em Honduras. O projeto custou 20 milhões de dólares — mais do que os planos de "ajuda" oferecidos à Nicarágua — e recrutou os mercenários entre antigos membros da Guarda Nacional de Somoza.

A pessoa encarregada de armar toda a trama foi o embaixador dos EUA em Honduras, John Negroponte, que já havia realizado missões semelhantes no Vietnã. Inicialmente o projeto incluía militares argentinos, mas depois da guerra das Malvinas só ficaram 20 "técnicos" deste país. O número de agentes da CIA em Honduras pulou de 25 para mais de 120 rapidamente. Os soldados americanos aumentaram progressivamente a sua participação. Começaram consertando helicópteros e demais equipamentos. Depois passaram a treinar e armar grupos terroristas e por fim se encarregaram de planejar as ações armadas em território da Nicarágua. Hoje já existem denúncias de que estão participando diretamente das incursões.

Dentro desta escalada criminoso é que se enquadra a derrubada do helicóptero com 75 crianças. É um passo para a guerra aberta na região e a invasão da Nicarágua.

Já é a segunda vez que os americanos utilizam Honduras como base para suas aventuras intervencionistas na América Central. Em 1954 este país serviu de base para os ataques ao governo democrático de Jacob Arbenz, na Guatemala.



É comum o assassinato de pessoas pelos terroristas a serviço dos EUA

Venda cinco assinaturas da Tribuna Operária e ganhe uma de presente! Ajude a imprensa operária a se fortalecer e extender sua influência. Aproveite que seus amigos estão recebendo o 13º, e ofereça-lhes uma assinatura da Tribuna. O dinheiro é pouco, mas sempre dá para ajudar um pouquinho a imprensa da sua classe. Assim, você estará ajudando a própria luta do povo brasileiro pela liberdade e pelo socialismo em nosso país.

Ajude a imprensa operária a crescer

Desejo receber em casa a Tribuna. Envio anexo cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, Travessa Brigadeiro Luis Antonio, 53 - Bela Vista - São Paulo, SP - CEP 01318.

Anual de apoio (52 eds.) — Cr\$ 5.000,00
Semestral de apoio (26 eds.) — Cr\$ 2.500,00
Anual comum (52 eds.) — Cr\$ 2.500,00
Semestral comum (26 eds.) — Cr\$ 1.250,00

Nome:
Endereço:
Bairro:
Cidade: Estado:
CEP: Telefone:
Data: Profissão:

Militares mantêm prisão de Juvêncio Mazzarollo

O Superior Tribunal Militar manteve a pena de um ano de prisão para o jornalista Juvêncio Mazzarollo, editor do semanário paranaense "Nosso Tempo", de Foz do Iguaçu. Mazzarollo foi condenado, com base na Lei de Segurança Nacional, por ter escrito um editorial considerado ofensivo às autoridades. Ele está preso há três meses.

O regime militar desmascarou-se diariamente, através dos seus atos arbitrários e da utilização de instrumentos violentos. Prova é a manutenção em cativeiro, na penitenciária de Piraquara, do jornalista Juvêncio Mazzarollo. Ele foi condenado em julho e setembro pela LSN, em dois processos, a penas de um ano de prisão em cada um. No primeiro, conseguiu a condicional. Mas o segundo processo foi justamente para prendê-lo e afastá-lo da luta.

Este jornalista, entretanto, não está isolado, como dese-

jam os generais. Embora esteja confinado numa penitenciária de presos da justiça comum — ele é o único preso político do sul do país —, do lado de fora da penitenciária fortalece-se o movimento com o objetivo de libertá-lo. Na semana passada, diversos movimentos se unificaram no Comitê pela Libertação de Juvêncio Mazzarollo, que tirou um calendário oficial de lutas — a primeira é pela liberdade para o jornalista antes do Natal.

VÍTIMA DOS MILITARES

Juvêncio Mazzarollo, vítima do regime militar de há muito tempo, manteve durante dois anos o jornal "Nosso Tempo", transformando-o num instrumento de luta do povo. Ali denunciou todas as violências contra os expropriados de Itaipu e contra os operários. Revelou a corrupção existente no meio policial-militar de Foz, cidade considerada de "Segurança Nacional", e nunca temeu o autoritarismo reinante na região.

As forças reacionárias tentaram de tudo contra o seu trabalho. Na tentativa de levar o jornal à falência financeira, apreenderam edições, pressionaram anunciantes, etc. Buscavam impedir a veiculação de denúncias dos graves conflitos sociais, como a luta pela posse da terra e de pequenos proprietários rurais contra as agro-indústrias multinacionais.

AMEAÇA DO REGIME

Como o jornal resistia, o regime, além de usar de uma armadilha contra Mazzarollo convidando-o para uma reunião no quartel com as autoridades — onde foi ameaçado —, ainda o processou quando ele denunciou a trama do juiz de Direito, do chefe-militar, e de outras autoridades locais.

Os dois julgamentos, onde Mazzarollo foi condenado, foram considerados uma farsa pela defesa — tudo estava pronto para condená-lo e assim foi feito, e reafirmado agora pelo STM.

(da sucursal de Curitiba)



Severo Gomes exigiu liberdade de organização para todas as correntes de opinião

Prisão do PCB serve de recado para a oposição

No conhecido estilo arrogante da repressão, a Polícia Federal invadiu no dia 13 a sede do Jornal "Voz da Unidade" em São Paulo, onde foram presas 90 pessoas — segundo nota da polícia, serão enquadrados na Lei de Segurança Nacional por estarem realizando um congresso do PCB. Os detidos foram liberados dias depois e estão sendo chamados a prestar depoimentos.

Porta voz do ministério do Exército disse que o fato "não tem nada a ver com a abertura" e que "na democracia existem leis e ordens". Ou seja, o plano dos generais continua o mesmo: fazer do Brasil um imenso quartel onde a Constituição seja na verdade a Lei de Segurança Nacional.

O PCB se caracteriza por sua moderação e por uma política reformista. Mas o governo acha que medidas repressivas como estas servem de recado para intimidar a oposição — em particular o PMDB.

Dois fatos chamam a atenção nesta ação repressiva. Primeiro que ela foi executada pela Polícia Federal, sob ordens diretas de Brasília. Indica que o governo já se antecipa a posse dos governadores oposicionistas e a con-

sequente desativação do DOPS como força de repressão política — muitos já se comprometeram a tomar esta medida.

SEGURANÇA DE QUEM?

O segundo é que o regime vai ensaiando, e agora com mais ímpeto, a reativação das medidas repressivas em larga escala com base na Lei de Segurança Nacional. Depois da anistia, tinha ficado difícil colocar em prática esta lei de caráter nitidamente fascista. No caso dos padres franceses e posseiros do Araguaia ela foi empregada, assim como contra o jornalista Juvêncio Mazzarollo e os editores do jornal Hora do Povo, sob pressão direta dos setores mais raivosos nas Forças Armadas.

No próprio dia da prisão diversas entidades democrá-

ticas, sindicatos, partidos de oposição realizavam um ato público no Tuca, onde compareceram vários parlamentares eleitos entre eles o senador Severo Gomes, protestando contra a Lei de Segurança Nacional e exigindo o direito de manifestação de todas as correntes de opinião.

Fatos como este mostram a necessidade urgente de dar novo impulso à luta pela revogação da Lei de Segurança Nacional. E de desmascarar o próprio conceito de segurança do regime militar.

Para justificar a arbitrariedade, o ministro da Marinha, Maximiano da Fonseca, disse que "se fosse uma reunião de ladrões, também seria ilegal e a polícia poderia prendê-los". Mas enquanto isto, Delfim Netto, Ernane Galvão, Carlos Langoni e outras autoridades do regime, estão reunindo-se diariamente, para entregar o país aos banqueiros internacionais, numa autêntica operação de traição nacional com o FMI, e contam com a mais rigorosa proteção das Forças Armadas.

Tribuna Operária

Endereço: Travessa Brigadeiro Luiz Antônio, 53, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318.
Telefone: 36-7531 (DDD 011) Telex: 01132133 TLOP BR

Jornalista responsável: Pedro Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.
Sociedade: Acre: Rua Belém, 91, Estação Experimental, Rio Branco - CEP 69900.
Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A (Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 520 - Centro - Belém - CEP 66000.
Maranhão: Rua da Paz, 417 - Alto - Centro - São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua Simplicio Mendes, 150, sala 7 - Teresina - CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313, sala 206 - Fortaleza - CEP 70000. Rio Grande do Norte: Rua Fonseca e Silva, 1038, sala 102 - Alacim - Natal - CEP 59000. Paraíba: Rua Padre Vieira, 30, sala 108 - Centro - João Pessoa - CEP 58000. Pernambuco: Rua 318, 1º andar - Campina Grande - CEP 51000. Rio de Janeiro: Rua 7 de Setembro, 42, 7º andar, sala 707 - Bela Vista - Rio de Janeiro - CEP 50000. Rio 13 da Ilha, 85, 1º andar, sala 3 - Garanhuns - CEP

55300. Alagoas: Rua Cincinato Pinto, 183 - Maceió - Centro - CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299, sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 - Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260, sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Corpo Santo, 32 - Bairro dos 40 - Camaçari - CEP 42800. Av. Juracy Magalhães, 180, sala 204 - Itabuna - CEP 45600. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573, sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel.: 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-5095 e 321-9095 - CEP 78000. Espírito Santo: Rua General Osório, 127, sala 908 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20000. Rua Carvalho de Souza, 155, Loja F - Madureira - Rio de Janeiro - CEP 20000. Av. Amiral Peixoto, 370, sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - Centro - Duque de Caxias - CEP 25000. São Paulo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar - CEP 05000. Campo - CEP 09700. Rua Professor Luiz Rosa, 94 - Centro - Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Rua 12 Q 32, L 04 - Vila Santa Helena - Goiânia - CEP 74000 - Tel.: 225-6689. Distrito Federal: Ed. Goiás, sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa,

100 números da Tribuna

Tribuna Operária

A BATALHA DOS METALÚRGICOS



Metallurgia: greve geral em São Paulo



7 de novembro de 1979, aniversário da Revolução Socialista de 1917. O número 1 da Tribuna cobre a greve dos metalúrgicos de São Paulo e o brutal assassinato de Santo Dias pela Polícia Militar. "Ele queria a igualdade", diz a viúva de Santo.

Tribuna Operária

DÍVIDA EXTERNA: NÃO PAGUE, BRASIL!



OS OPERÁRIOS NA FAVELA

17 de janeiro de 1980: "A crise econômica do país é bem mais grave do que se imagina. O centro do problema é que a ditadura militar entregou de tal forma a economia do país nas mãos do capital financeiro internacional que, por mais que se produza e exporte, a dívida cresce sempre mais". Palavras proféticas, que o desenvolvimento da crise iria confirmar integralmente.

Tribuna Operária

A guerra pela terra

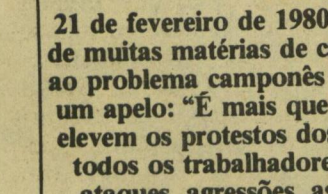


A classe operária e os partidos

21 de fevereiro de 1980. A primeira de muitas matérias de capa dedicadas ao problema camponês termina com um apelo: "É mais que justo que se elevem os protestos dos operários e todos os trabalhadores contra os ataques, agressões, assassinatos, prisões e terrorismo que vêm sendo feitos contra os irmãos do campo".

Tribuna Operária

TODOS JUNTOS COM O ABC!



TRABALHADOR UNIDO JAMAI SERÁ VENCIDO

19 de abril de 1981. A cobertura da formidável greve dos metalúrgicos do ABC — então em pleno auge — conclui que "a vitória dos trabalhadores dependerá de sua disposição de luta, de que ponham em tensão todas as forças e atuem". Força para isso eles têm.

Este final de ano coincide com a edição do número 100 da Tribuna Operária, que já na sua primeira edição dizia: "A crise atual não é do tipo que se resolve com repressão, nem com reformas. Suas causas estão na base da estrutura econômico-social brasileira, no capitalismo dependente. Os exploradores querem jogar suas dificuldades em cima do povo. A resposta dos trabalhadores tem um sentido claro: as multinacionais, os grandes empresários e donos de terra causaram a crise. Que eles paguem as consequências!"

Alguns números depois, o artigo "Façamos a Revolução!" gerava uma acesa polêmica, por dizer que "estamos numa encruzilhada" e que "a crise econômica, social e política e o caráter antipopular do atual regime põem diante do movimento operário, popular e democrático a questão do poder". Relembramos aqui alguns fatos importantes deste período, tais como foram vistos pela Tribuna, para que o próprio leitor avalie se ela colocou-se do lado certo.

Tribuna Operária

OS RICOS QUE PAGUEM A CRISE!



OS OPERÁRIOS NA FAVELA

17 de janeiro de 1981. Enquanto a Volkswagen inicia a escalada patronal das demissões, a TO publica "a verdade sobre o desemprego e a crise do capitalismo, que os exploradores descarregam sobre os explorados".

Tribuna Operária

FIGUEIREDO ENGOLE A BOMBA

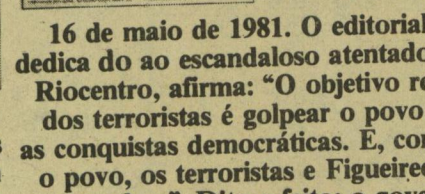


PM INVESTI CONTRA ELEIÇÃO DOS POSSÍVEIS NO ANAGUAIA

16 de maio de 1981. O editorial, dedica do ao escandaloso atentado do Riocentro, afirma: "O objetivo real dos terroristas é golpear o povo e as conquistas democráticas. É, contra o povo, os terroristas e Figueiredo se entendem". Dito e feito; o governo nunca tocou nos terroristas do Riocentro, mas mandou apreender esta edição da Tribuna, e a seguinte.

Tribuna Operária

Golpe na Polônia não é caminho socialista



OS OPERÁRIOS NA FAVELA

19 de dezembro. "No socialismo de verdade não há lugar para golpes como o do general Jaruzelski. O que houve na Polónia foi uma quartelada". O editorial "Em defesa do socialismo" afirma: "Longe de indicar que o socialismo não funciona, a crise polonesa mostra que o abandono do caminho revolucionário socialista é que leva ao fracasso".

Tribuna Operária

O BRASIL VOTOU NA OPOSIÇÃO



OS OPERÁRIOS NA FAVELA

22 de novembro. Enquanto a grande imprensa monta todo um "Show das eleições" para fingir que o governo foi vitorioso dia 15 de novembro, a TO é quem primeiro mostra quantos eleitores votaram na oposição. E conclui que "no julgamento público do general Figueiredo o povo disse não".

Tribuna Operária

Figueiredo caça voto e leva vaia



OS OPERÁRIOS NA FAVELA

29 de março de 1982. A Tribuna, já semanal, acompanhou passo a passo a campanha eleitoral. E mostrou que o pleito de 1982 seria um plebiscito, um julgamento público do governo, como mostraram as urnas.

Tribuna Operária

Esta guerra não é dos trabalhadores

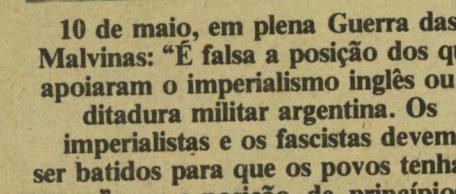


OS OPERÁRIOS NA FAVELA

10 de maio, em plena Guerra das Malvinas: "É falsa a posição dos que apoiaram o imperialismo inglês ou a ditadura militar argentina. Os imperialistas e os fascistas devem ser batidos para que os povos tenham paz" — e a posição de princípios tomada pela TO é confirmada pela dura experiência do povo argentino.

Tribuna Operária

Governo planeja fome e desemprego em dobro para 83



OS OPERÁRIOS NA FAVELA

11 de outubro. "Já está pronto o 'Plano de Emergência' de Figueiredo e Delfim para a crise econômica — que só será aplicado depois das eleições para o PDS não sair arrasado das urnas. É a capitulação completa perante os banqueiros internacionais que envidaram o Brasil". E mais: "Uma das exigências dos banqueiros internacionais, representados pelo FMI, é o arrocho salarial".

Tribuna Operária

O BRASIL VOTOU NA OPOSIÇÃO



OS OPERÁRIOS NA FAVELA

22 de novembro. Enquanto a grande imprensa monta todo um "Show das eleições" para fingir que o governo foi vitorioso dia 15 de novembro, a TO é quem primeiro mostra quantos eleitores votaram na oposição. E conclui que "no julgamento público do general Figueiredo o povo disse não".

Tribuna Operária

O BRASIL VOTOU NA OPOSIÇÃO

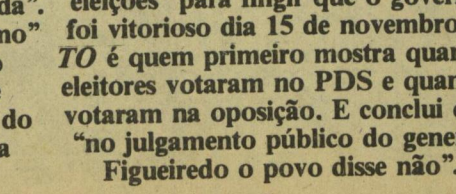


OS OPERÁRIOS NA FAVELA

22 de novembro. Enquanto a grande imprensa monta todo um "Show das eleições" para fingir que o governo foi vitorioso dia 15 de novembro, a TO é quem primeiro mostra quantos eleitores votaram na oposição. E conclui que "no julgamento público do general Figueiredo o povo disse não".

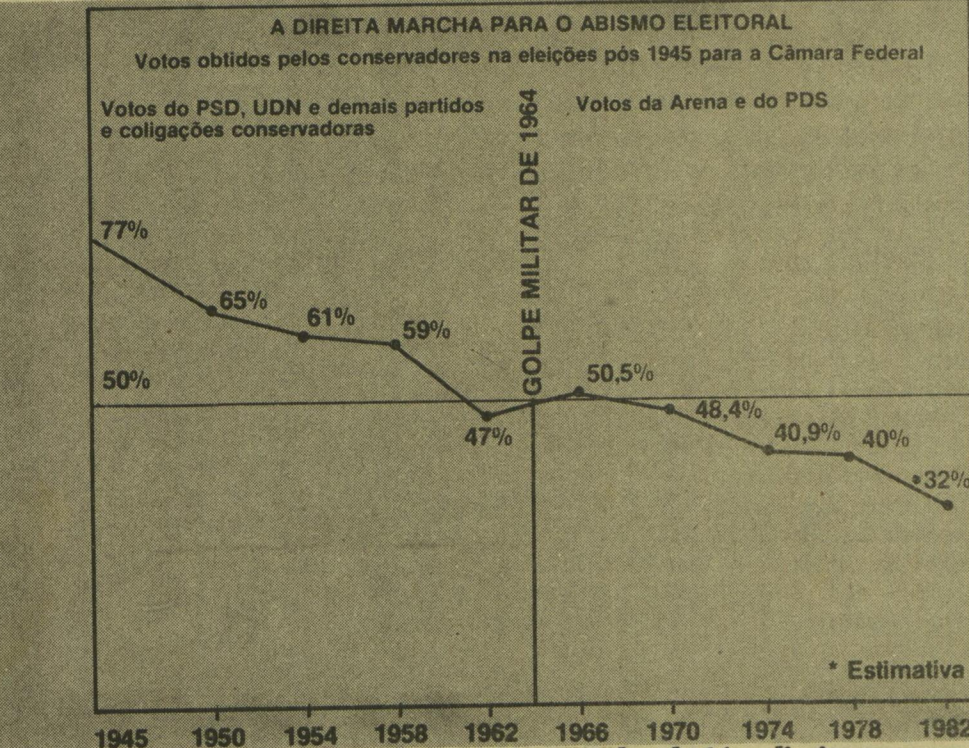
Tribuna Operária

O BRASIL VOTOU NA OPOSIÇÃO



OS OPERÁRIOS NA FAVELA

A direita Marcha para o abismo eleitoral



Após uma ligeira recuperação seguida ao golpe de 64, a direita prossegue na sua derrocada eleitoral — que as eleições de 82 aprofundaram.

Generais perderam a eleição, não o poder

As eleições deste ano lembram as de 1962, que iniciaram o processo de fim de um regime. Em 1962, os setores mais conservadores e reacionários da burguesia brasileira encontravam-se na oposição ao governo de João Goulart. Por isso, aqueles setores jogaram toda a sua influência econômica para corromper e comprar candidatos, numa campanha que gastou perto de 20 milhões de dólares, para desestabilizar o governo Goulart.

Foi tudo em vão, entretanto. Em novembro de 1962 o general Golbery, que era um dos dirigentes do IPES/IBAD (entidades montadas para articular a direita em sua atividade contra o regime democrático) analisou o resultado das eleições e concluiu que havia "uma tendência esquerdista trabalhista no eleitorado", que a campanha da direita não conseguiu reverter. Por isso, segundo um estudo do período, "uma solução militar tornava-se inevitável para os interesses multinacionais e associados". Isto é, a direita deveria apelar para um golpe.

Esse é o centro da sua propaganda ideológica, que insiste na proposta de que os setores liberais e progressistas devem ajudar os generais a atravessarem a dura crise econômica e social que o próprio regime militar criou e está aprofundando.

Mas isso é falso. Apesar de ter ganho a eleição em 18 capitais, o PMDB fará o prefeito de apenas 9 delas, devido à eleição indireta. E os generais controlam, através de alguns truques, a Câmara Federal e o colégio eleitoral que escolherá o sucessor de Figueiredo, e continuam

com folga maioria no Senado graças aos senadores biônicos.

Com esses controles, os generais podem — como estão fazendo — submeter o país ao FMI, aprofundar o entreguismo, decretar a recessão e o desemprego, etc. O regime militar perdeu a eleição, mas não o poder. A mudança que a propaganda do governo diz que já ocorreu, na verdade ainda está para ser feita. E precisa ser feita com urgência!

Para o fim do regime militar, devemos conquistar ainda eleições diretas em todos os níveis — inclusive para as capitais e presidência da República; precisamos da Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana, que mude radicalmente todo o sistema político do país — como os setores mais consequentes da oposição vem defendendo, há anos. (Carlos Henrique e Guilherme Lobo)

A DIREITA PERDE VOTOS

O general Golbery previu corretamente a tendência do eleitorado. Ela vinha de longa data e cresceu nas eleições realizadas entre 1945 e 1962. Assim, na eleição de 1945, a primeira realizada depois do fim da ditadura do Estado Novo, os partidos conservadores tiveram 77,3% dos votos, caindo para 47,9 na eleição de 1962, (veja tabela). Essa tendência só foi interrompida pela violência do golpe militar, em 1964. Mas, após uma ligeira recuperação do voto mais reacionário, a tendência foi retomada.

O gráfico mostra que a direita perdeu votos de maneira constante entre 1945 e 1962. Por isso, para ela, o sistema político partidário caducou — já não servia mais para seus interesses.

CRISE MAIS GRAVE

Com a eleição de 1982, que assinala um aprofundamento de derrota eleitoral da direita, o que acontecerá? O país vive uma grave crise econômica, com desemprego profundo como nunca houve anteriormente, e perspectivas de grave deterioração nas já precárias condições de vida das massas. A crise atual é muito mais grave do que a crise de 1961-1965, que serviu de pretexto para o golpe militar. Contudo, hoje, ao contrário daquela época, as forças mais conservadoras encontram-se no poder. Apesar de derrotadas eleitoralmente, elas mantêm o controle do poder político através de manobras fraudulentas, inaceitáveis.

Setores identificados com o regime militar vêm defendendo a idéia esdrúxula de que o grande vitorioso nas últimas eleições foi o general Figueiredo, que essas eleições significam o fim de um ciclo, com o início da partilha do poder com a burguesia liberal. Para esses setores, o país mudou completamente depois de 15 de novembro.

O arbítrio nas capitais

CIDADE	partidos e número de cadeiras na Câmara de Vereadores					Partido que nomeará o prefeito (se a Lei for mantida)
	Partido vencedor	2º	3º	4º	5º	
São Paulo	PMDB 15	PTB 8	PT 5	PDS 5	PDT 0	PMDB
Belém	PMDB 11	PDS 8				PMDB
Belo Horizonte	PMDB 23	PDS 8	PT 2			PMDB
Campo Grande	PMDB 14	PDS 7				PMDB
Curitiba	PMDB 22	PDS 11				PMDB
Goiânia	PMDB 18	PDS 3				PMDB
Mãnas	PMDB 12	PDS 9				PMDB
Rio Branco	PMDB 7	PDS 6				PMDB
Vitória	PMDB 13	PDS 6				PMDB
Rio de Janeiro	PDT 15	PDS 8	PMDB 5	PTB 4	PT 1	PDT
Cuiabá	PMDB 10	PDS 9				PDS
Fortaleza	PMDB 21	PDS 12				PDS
João Pessoa	PMDB 10	PDS 9				PDS
Natal	PMDB 11	PDS 10				PDS
Porto Alegre	PMDB 11	PDT 11	PDS 10	PT 1		PDS
Recife	PMDB 22	PDS 11				PDS
Salvador	PMDB 26	PDS 7				PDS
Maceió	PMDB 13	PDS 8				PDS
Teresina	PMDB 14	PDS 5				PDS
Aracaju	PDS 12	PMDB 9				PDS
Florianópolis	PDS 13	PMDB 8				PDS
Porto Velho	PDS 10	PMDB 7				PDS
São Luís	PDS 11	PMDB 10				PDS

A oposição venceu em 19, das 23 capitais. Mas o PDS, que ganhou somente 4, pretende nomear 15 prefeitos das capitais. Fundação Maurício Grabois

Cartas marcadas contra o povo nas urnas

As eleições deste ano demonstraram a grande capacidade do povo de participar da luta política e impor derrotas ao regime militar. Mas revelaram também como as regras impostas pelas classes dominantes limitam a luta eleitoral para os trabalhadores. Na conquista de um novo regime, os operários podem tirar lições preciosas desta experiência.

O regime militar precisa por um lado manter as eleições, para dar uma fachada democrática à ditadura implantada desde 1964. Mas por outro, pretende sufocar o anseio democrático do povo e impedir a vitória das forças oposicionistas. Para isto impôs inúmeras mudanças na legislação eleitoral — os casuísmos.

CONTRA O POVO

Em 15 de novembro as oposições conquistaram 60% dos votos, mas ficaram com apenas 51% dos deputados federais e com 49% das

cadeiras do Colégio Eleitoral que pela lei aprova o nome do novo presidente da República. O PMDB sozinho obteve 45% dos votos, mas vai ter menos deputados federais do que o PDS, que só teve 40% dos votos. As leis favorecem os votos do interior, onde o governo tem mais controle e onde os "coronéis" mantêm seus currais sob rígido controle.

Mas não é só isto. Apesar de um amplo movimento popular impulsionando as forças de oposição, e exigindo mudanças profundas no

país, sem conciliação com os generais, a grande maioria dos cargos executivos eleitos pela oposição será ocupado por políticos conservadores ou no máximo liberais, com tendência a conciliar com o regime. As restrições para a legalização dos partidos e as normas impostas para o funcionamento interno de cada partido dificultam uma participação mais destacada das forças populares. A própria classe operária não pode participar da luta eleitoral diretamente através de sua organização de vanguarda, o Partido Comunista do Brasil — mantido na ilegalidade até hoje.

Nas bancadas oposicionistas no Parlamento, apesar do avanço das forças democráticas, são evidentes as restrições aos legítimos representantes das forças operárias e populares. Os candidatos populares sofrem pressões que vão desde a

obtenção da legenda, passando pelas dificuldades financeiras para enfrentar uma campanha milionária, até a repressão policial aos trabalhadores que voluntariamente divulgam seus nomes e propostas nas fábricas e bairros. Mas todas as portas estão abertas para certos vereadores e deputados que estão na oposição apenas por interesses pessoais ou de grupos. E, em mais de um lugar, são estes fisiológicos que conseguem a maior votação — pela campanha apoiada em rios de dinheiro e até pela corrupção.

Mais esclarecedor ainda é a eleição do ex-governador Paulo Maluf. Apesar de amplamente repudiado pelos trabalhadores foi o deputado federal mais votado do país, à custa da corrupção, do poder do dinheiro, da máquina governamental a seu serviço e das pressões políticas.

CARTAS MARCADAS

Estas são as leis do regime militar, que colocam todos os obstáculos aos oposicionistas. Mas mesmo nos mais "democráticos" países capitalistas, as leis do capital fecham as portas para os trabalhadores e sobretudo para os revolucionários. Funciona a lei dos ricos e poderosos para proteger a sua riqueza e o seu poder. A eleição burguesa é sempre um jogo de cartas marcadas onde a burguesia ajusta o poder de acordo com a correlação de forças entre os seus diversos setores.

Apesar disto, não será fugindo das batalhas políticas em curso que os trabalhadores avançarão em suas lutas. Participando do processo político, eles fazem a sua própria experiência e elevam o seu nível de consciência e de organização. Depois das eleições de 15 de

novembro, o povo vai perceber até onde os oposicionistas eleitos irão cumprir as promessas da campanha. E vai entender as reais possibilidades de seus legítimos representantes lutarem por seus interesses no Parlamento.

A batalha eleitoral permite ao proletariado fazer propaganda de suas idéias, fortalecer a luta democrática e ampliar o seu campo de alianças, eleger alguns representantes, obter vitórias parciais contra o regime dominante e acumular forças. Mas isto não pode desviar sua atenção do caminho principal que é a revolução. Todas as batalhas visam este objetivo. As eleições deste ano representaram uma vitória importante. Não como objetivo final, mas como uma batalha vitoriosa na luta por um regime de democracia popular em marcha para o socialismo.

(Rogério Lustosa)

"1983 será um ano de muito combate", diz Aurélio Peres

Reeleito deputado federal, o metalúrgico Aurélio Peres teve expressiva votação dos operários de São Paulo, que o vêem como seu representante no Parlamento. Em entrevista à *Tribuna Operária*, Aurélio se mostra otimista com relação à luta dos trabalhadores contra o arrocho e o desemprego e por plenas liberdades políticas no país.

Como você vê a resposta dos trabalhadores à crise econômica que promete se aprofundar com a ingerência do FMI?

Aurélio: O povo tem travado importantes lutas, mas não é suficiente para mudar os rumos da economia nacional. A ingerência do FMI nos assuntos internos é inaceitável e trará consequências drásticas para os trabalhadores. Sem dúvida, isto acenderá ainda mais o espírito de luta de nosso povo. A classe operária terá que travar grandes embates, principalmente contra o desemprego, se não quiser ser jogada na rua da amargura. Em 1982 já ocorreram diversas greves contra o desemprego, mas foram isoladas. Com o aprofundamento da recessão, as greves poderão se generalizar, como ocorreu na Argentina do dia para a noite.

O importante é que particularmente o movimento sindical acabe com sua divisão. Devido às eleições, nós atravessamos um momento difícil, de fragmentação das oposições. Passado isto, a tendência é a unificação no combate aos problemas comuns dos trabalhadores. Estou otimista, creio na unificação para luta e que 1983 será um ano de muitos combates. A nossa economia está em crise profunda e um dos maiores culpados é o governo. Nós temos que acertar contas com os governantes.

Os setores populares terão maior expressão no Congresso Nacional?

Aurélio: As eleições de 15 de novembro reforçaram os setores populares no Congresso e o avanço da luta dos trabalhadores vai exigir um posicionamento mais firme do Parlamento. Estou convicto de que é necessário que os parlamentares mais comprometidos com os anseios do povo devam se articular para atuar de forma organizada. Isto é possível, porque o

número de deputados populares e progressistas eleitos é expressivo. Com este setor organizado teremos condições de impulsionar a frente democrática, fazendo com que ela tenha posições mais consequentes na luta por liberdade política no nosso país.

Neste sentido, como fica a luta pela eleição direta para presidência da República?

Aurélio: No meu entender dois fatores determinantes vão impulsionar essa luta no ano que vem. O primeiro é que a situação da oposição melhorou muito com as eleições. Ela venceu em dez Estados e há um compromisso dos eleitos com a luta pela democratização do país, pela eleição direta para presidente. Já o regime militar teve seu campo de ação dificultado. O próprio PDS vai ter que negociar mais e vão surgir contradições em seu interior, haja vista que já se acirram as disputas internas.

Temos que aproveitar esta brecha. Se a oposição se articular, forçando a unidade dos partidos oposicionistas, poderemos forçar a convocação da eleição direta. E aí entra o segundo fator: a pressão do movimento popular, que tem que entrar em cena, ir para rua. Afinal somos os maiores interessados na conquista de plenas liberdades políticas. É sensível o papel que o povo pode jogar nesta batalha. É bom lembrar o papel determinante da pressão popular na conquista da Anistia. O mesmo pode ocorrer com a bandeira da eleição direta.

Outra bandeira que cada vez fica mais atual é a da Constituinte, que continua sendo o farol da oposição. Os fatos têm comprovado que nós não temos Constituição, mas sim, retalhos de uma legislação autoritária, e que é necessário reformular as leis do país. A luta por eleição direta pode significar um impulso no sentido de convocar a Constituinte.



Haroldo Lima: "o povo deve atuar no seu parlamento específico: as ruas"

"Eleição indireta para a presidência é afronta ao povo"

Membro da Executiva do Diretório Regional do PMDB na Bahia e um dos líderes da Tendência Popular, Haroldo Lima foi eleito deputado federal com mais de 54 mil votos, ficando entre os mais votados no Estado. Ex-presos político, agora no Congresso Nacional pela vontade do povo, ele fala à *Tribuna Operária* sobre suas expectativas para o ano que vem.

Como você vê a formação de um bloco popular no interior da frente democrática?

Haroldo: A formação de um bloco ou tendência popular no Congresso Nacional terá uma base bem mais ampla na nova legislação do que na passada. Sua formação se beneficiará do aprendizado dos antigos membros do 'Grupo dos Autênticos' e da Tendência Popular do PMDB, hoje reeleitos. Agora, não se constituirá independente da marcha política dos acontecimentos, podendo ir se formando a partir do tratamento dos grandes problemas nacionais e populares e também da firme atitude oposicionista e anticonciliatória que forem expressando seus membros.

Após as eleições, como deverá se comportar o movimento popular?

Haroldo: Sem dúvida o movimento popular passou a contar na sua luta com uma outra frente de atuação importante: a parlamentar. Até agora tínhamos no Congresso Nacional pessoas valorosas, preocupadas com os problemas da nação, mas eram em pequeno número. O mesmo acontecia com as Assembléias Legislativas e Câmaras Municipais. Agora, o conjunto das Câmaras se transformaram em uma nova frente de atuação e de grande importância; uma frente essencialmente política. Esta frente parlamentar, através de seus blocos ou tendências, certamente terá sua atividade articulada com as demais frentes de combate: sindical, a estudantil, etc.

Qual seria o poder de fogo desta frente na luta pela eleição direta para Presidente da República?

Haroldo: O PDS não conseguiu mais de nove milhões de votos as

no Brasil. Ocorre que o Colégio Eleitoral, mesmo o PDS sendo derrotado, permanece nas mãos do partido do governo. Portanto este Colégio se constitui numa afronta ao povo. A vontade popular que brotou nas urnas implica na superação imediata desse projeto falso do Colégio Eleitoral. Então a única saída democrática para a sucessão presidencial é a eleição direta do próximo presidente. Como não podia deixar de ser, o regime militar resiste a essa saída porque sabe que será derrotado novamente nas urnas. Só o povo, em franca atividade, poderá reconquistar esse direito democrático.

O mesmo ocorre na luta por uma nova Constituição para o país. Diversos setores da oposição e do governo já falam na necessidade de mudança na Constituição. Há quem fale em transformar o próximo Congresso em Constituinte, mas não vêem ou não querem ver que ele está viciado, limitado como o Colégio Eleitoral. Esta proposta reflete a posição dos conciliadores que procuram driblar a única saída legítima e democrática para o problema, que é a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte. E para dar uma solução efetiva à questão, o povo mais uma vez terá que atuar no seu parlamento específico: as ruas. E poderá então surgir um amplo movimento por uma Constituinte, que resulte numa legislação nova, séria e respeitada. Neste sentido está na ordem do dia uma união democrática e popular com os setores progressistas do Parlamento do país. Da vitória dessa união depende a salvação da pátria.

(da sucursal)



"Pressão popular contra entreguismo do governo", receita Alencar

Alencar denuncia a escravidão do Brasil ao FMI

Alencar Furtado, deputado cassado no governo do general Geisel, foi reeleito no Paraná com consagradora votação popular. Conhecido por sua firmeza e combatividade, o novo deputado federal vê 1983 como um ano cheio de sacrifícios para os trabalhadores. Mas, esperançoso, acredita na reação popular contra o "criminoso entreguismo do governo".

"Tenho para mim que a submissão de nossa economia às determinações do Fundo Monetário Internacional marca para o Brasil uma importante transição: do instante de dependência ao capital estrangeiro, que se acentuou principalmente a partir de 1964, passamos para o instante da escravidão nacional. O arrocho dos salários, o desemprego, a miséria e a intensificação de outras desgraças do gênero são como a chibata do feitor nas costas dos senzalizados".

É dessa forma que o deputado Alencar Furtado vê o Brasil agora tutelado pelo FMI. "A cumplicidade do regime com o capital monopolista internacional torna-se delinqüente e chega ao ponto da alienação da própria soberania nacional. Assim o resultado não poderia ser outro: o enriquecimento de uns poucos às custas da escravização da grande maioria".

REAÇÃO NACIONAL

Mesmo pressentindo que o ano que vem "será extremamente difícil e cheio de sacrifícios, principalmente para a grande massa de assalariados", Alencar aposta numa reação nacional: "Uma reação colorida de nacionalismo e patriotismo autênticos que vai dar um a esse degradante aviltamento de nosso país. Apenas esta reação popular, através de uma sólida aliança de todos os explorados e as forças progressistas da nação, poderá pôr fim nesse estado de coisas".

Neste sentido, Alencar acredita que o novo Congresso eleito terá que assumir uma posição firme, irril. "Por longo tempo o Congresso Nacional esteve ancorado,

Agora, deve se erguer, ficar de pé e fazer ressoar com vibração e destemor as reivindicações populares. Condições para tanto existem. As chamadas oposições, fazendo as contas, exibem uma maioria nominal, que precisa ser transformada em maioria real, sob pena de traição e vergonha daqueles que em campanha pregavam as teses da oposição", lembra o parlamentar paranaense.

QUADRO NEBULOSO

Contudo Alencar Furtado não deixa de ver como "nebuloso e preocupante o quadro político do país. A meia-democracia significa a não democracia. Uma constituição como a vigente significa uma não-constituição para o país". Logo, assegura, "para que a nação encontre o seu verdadeiro rumo é preciso que marchemos para uma Assembléia Nacional Constituinte, a fim de que se reordene os descaminhos por onde esse regime anti-nacional e anti-democrático levou o país".

Quanto ao Poder Legislativo, no qual volta a exercer seu mandato, "é preciso que sejam reconquistadas as suas prerrogativas, para que este poder situe-se realmente como poder e não como mero gerente do Executivo". Concluindo, Alencar dá uma manifestação de crença no povo: "Ao longo da história, o povo brasileiro, assim como os povos de outros países, deu importantes lições de vitalidade, de força e decisão. E mais uma vez acredito em nosso povo, em nossos trabalhadores, em seus Sindicatos, em suas organizações. Não há dificuldade, por mais que seja, capaz de nos abater. Venceremos, tenho certeza, venceremos".

(da sucursal)



Aurélius: "com a recessão as greves poderão se generalizar, como na Argentina"

O Brasil sob intervenção do FMI



Uma das mais escandalosas histórias de traição nacional desde o tempo de Silvério dos Reis veio à tona em 1982 — a história de como o Brasil foi parar nas garras do Fundo Monetário Internacional e dos bancos americanos, europeus e japoneses. Hoje, é só a eles que o governo Figueiredo revela os números da economia. Quanto o país deve? Quanto tem

em caixa? Quanto tem pagar até o dia 31? Eles sabem. Nós, brasileiros, não.

As notícias que chegam são de um jornal como o *Financial Times*, de Londres, que esta semana estimou nossa dívida em 100 bilhões de dólares, sendo 20 a 30 bilhões a curto prazo. Ou de um "executivo de importante banco estrangeiro", que não revela seu nome mas diz que teremos de pagar 1,8 bilhão de dólares nas duas últimas semanas do ano. Como chegamos a esta situação revoltante? E que consequências ela traz para o povo trabalhador? É o que indicam os fatos de 1982.

Se fôssemos acreditar nas previsões do governo para 1982, 12 meses atrás, o ano seria ótimo. Delfim Netto garantia nos jornais e na TV que a economia crescerá de 4 a 5%. Que seria fácil "rolar" a dívida, captando dólares no exterior. Que jamais teríamos de apelar para o FMI.

Os ministros do Conselho Monetário Nacional previram, em coro, que o comércio exterior teria um saldo positivo de 3 bilhões de dólares. Que a inflação cairia por 80%. Que a dívida externa não passaria dos 70 bilhões de dólares. Que a dívida a curto prazo aumentaria apenas 1 bilhão de dólares, chegando aos 9 bilhões. Que a economia mundial crescerá. Não acertaram uma...

A guerra das Malvinas e o castelo de cartas de Delfim e Companhia

Tudo que aconteceu em 1982 desmentiu as previsões do governo militar. E expôs a todos o caráter vende-pátria da sua política. A economia mundial estagnou. A nacional diminuiu, uns 2%. A inflação permaneceu encravada bem perto da marca dos 100%. O saldo no comércio externo não deve passar de 1 bilhão de dólares, devido à queda de 12% nas exportações brasileiras. Porém foi a dívida externa que terminou arrastando o país no caminho da falência e de uma submissão ainda mais completa ao capital financeiro internacional.

Para pagar os juros e prestações das dívidas anteriores, o Brasil precisava conseguir emprestado mais 18 bilhões de dólares durante o ano — uma média de 1,5 bilhão por mês. Até abril, a captação foi normal. Mas logo em maio, os ecos da Guerra das Malvinas entre argentinos e ingleses iriam mostrar como era frágil o castelo de cartas de Delfim & Cia.

O governo brasileiro não serve de fiador; só o Bank of America

O governo inglês bloqueou as contas dos argentinos na praça de Londres, um dos maiores centros bancários do mundo. E os argentinos suspenderam os pagamentos aos bancos ingleses. Bastou isso para sacudir todo o mundo das finanças capitalistas — e para fazer a captação de dólares pelo Brasil cair de 2 bilhões de dólares em abril para 1 bilhão em maio.

No final de julho houve um segundo impacto: a Companhia Vale do Rio Doce pediu um empréstimo de 600 milhões de dólares, tendo o Tesouro Nacional brasileiro como avalista — e os banqueiros recusaram. Só aceitaram como fiador o *Bank of America*. O governo de Brasília já não tinha crédito. E passou então a dar calote nas empresas brasileiras, para pagar em dia os bancos de fora. A Servix, uma das maiores construtoras da América Latina, teve que pedir concordata porque as empresas estatais lhe deviam 5 bilhões e não pagavam. Várias firmas faliram.



Delfim com a corda no pescoço: não acertou uma previsão...

Mas foi em setembro que a situação desandou. A falência do México espalhou o pânico no mercado financeiro mundial. O Brasil ficou várias semanas sem captar um só dólar. Começou uma verdadeira agonia — as contas estourando e o país a pique de quebrar.

Como a Tribuna Operária denunciou em seus números de 22 e 29 de novembro, e tornou-se público depois, este foi o grande assunto da visita de Figueiredo aos Estados Unidos em setembro. Foi acertado ali um plano para colocar a economia brasileira sob intervenção direta do imperialismo americano, via FMI. Em troca, Reagan deu ao Brasil um empréstimo de emergência de 1,2 bilhão de dólares, com 90 dias de prazo para pagar, para tapar o buraco das finanças até as eleições e salvar o PDS.

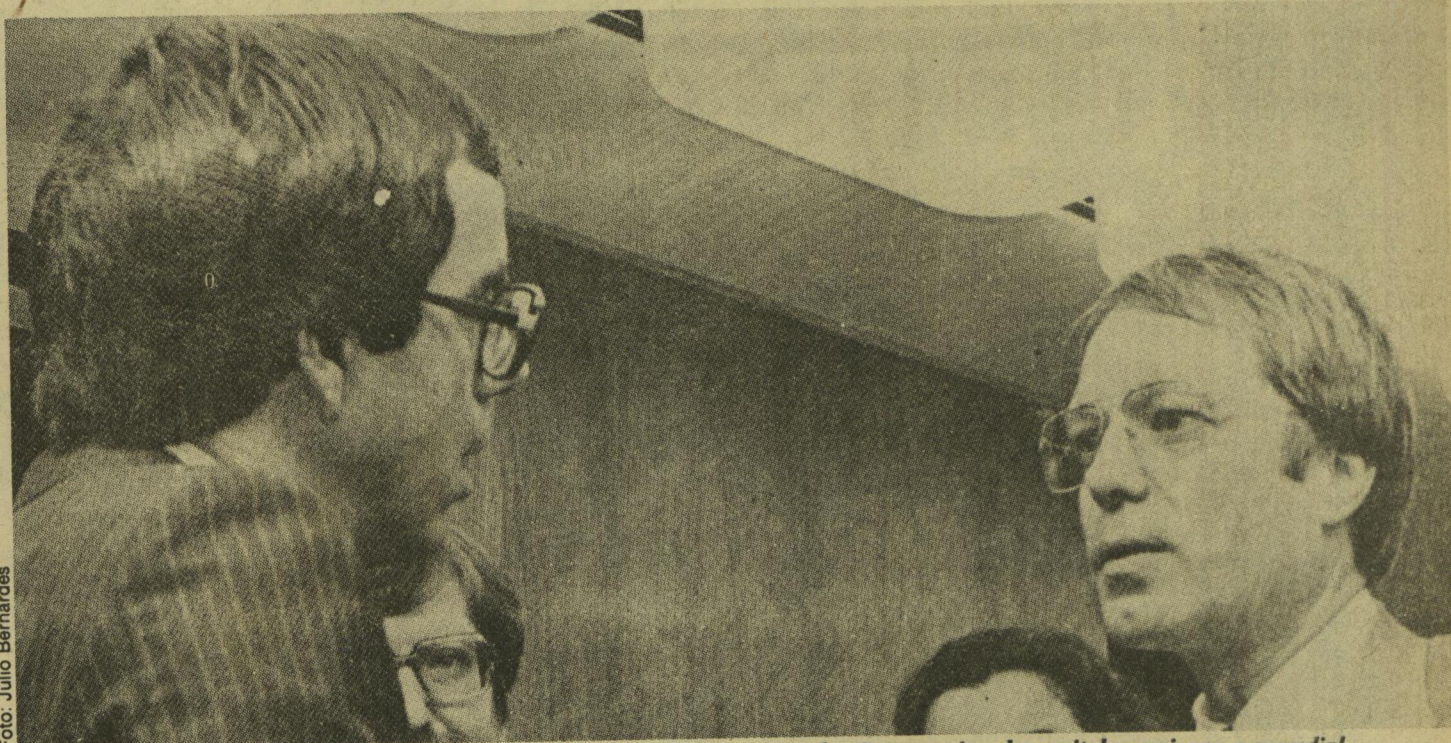
O Banco do Brasil sem dinheiro em caixa nem para as contas do dia

O plano foi cumprido à risca. Precisamente no dia 15 de novembro o Banco Central brasileiro bateu à porta do

FMI, pronto para atender às suas exigências extorsivas. Duas semanas depois, ao chegar ao Brasil, Reagan encontrou o governo Figueiredo de joelhos, pronto para ceder em tudo, desde a política externa do Itamaraty até a lei salarial.

Acontece que em dezembro a situação já escapara a qualquer controle. No início do mês, as reservas de divisas (dinheiro que o país tem em caixa) já eram calculadas em apenas 2,1 bilhões de dólares, apenas um terço do mínimo indispensável. No dia 8, a agência do Banco do Brasil em Nova Iorque não teve nem como fechar o caixa — não tinha dinheiro para pagar as contas do dia. E nos dias seguintes o fato voltou a acontecer. Uma semana depois, dia 15, os bancos americanos que estavam cobrindo este buraco avisaram ao Banco do Brasil que só emprestariam mais com o aval do Tesouro norte-americano.

É nessas condições vexaminosas que o governo do general Figueiredo acaba de negociar com a missão Struckmeyer a rendição do Brasil ao Fundo. Porém, como veremos a seguir, a tragédia está apenas começando.



Langoni (à direita), do Banco Central, conversa com Struckmeyer, um alemão a serviço do capital americano e mundial

Delfim faz tudo que o Fundo mandar

Esta segunda-feira, em Nova Iorque, Delfim, Galvêas e Langoni entregam ao poderoso chefe do FMI, Jacques Laroisere, a "carta de intenções" prometendo fazer tudo que o Fundo mandar. No mesmo dia, submetem-se a uma sabatina perante os grandes banqueiros americanos, europeus e japoneses que têm na mão a carta de hipoteca do Brasil. Como de costume eles declaram-se otimistas. E como de costume estão mentindo.

A "carta de intenções" foi redigida segundo o ditame de Horst Struckmeyer, chefe da missão do FMI, que passou-a em revista quarta-feira, antes de liberá-la. Este cavalheiro, um alemão a serviço do capital financeiro americano e mundial, foi na realidade quem assumiu — em regime de intervenção — as rédeas do planejamento da economia brasileira em 1983.

O FMI dispõe-se a emprestar ao Brasil cerca de 6 bilhões de dólares, em três anos, desde que dirija diretamente nossa economia. A "carta" compromete o Brasil a aceitar, de três em três meses, missões de auditoria do Fundo que fiscalizarão o cumprimento das ordens.

Porém os problemas estão longe de acabar, mesmo sob a ótica entreguista e antipovo de Delfim & Cia. A primeira parcela dos créditos do FMI, de pouco menos de 2 bilhões de dólares, só deverá ser liberada em 1983, em janeiro

segundo alguns, em fevereiro ou até março segundo outros. Por outro lado, a dívida externa a curto prazo do Brasil sobe a 20 bilhões de dólares, segundo a estimativa mais modesta do *Financial Times*. Curto prazo quer dizer 90 dias — o que significa que cada brasileiro terá que pagar aos banqueiros de fora a bagatela de 22 mil cruzeiros por mês.

Os banqueiros imperialistas estão fazendo uma chantagem gigantesca contra o Brasil

Ora, o país simplesmente não tem como pagar esta conta. O empréstimo de Reagan, tomado por conta do dinheiro do FMI, já foi torrado. As autoridades financeiras falam num outro, de 600 milhões de dólares, a ser liberado esta semana por "um banco norte-americano" não especificado. Em outro, de 1,8 bilhão, de bancos europeus e japoneses. Num crédito de 1,5 bilhão vindo do *Bank International of Settlements*. E de um "empréstimo jumbo" de 4 bilhões de dólares, de um poderoso consórcio de 40 bancos estrangeiros. As versões se sucedem e se contradizem, ninguém abre o jogo, mas tudo é apresentado como *briga loans* (empréstimos ponte), ou seja, tapaburacos até entrar o dinheiro do FMI. Mas para cobrir o rombo de 20 bilhões os credores exigem novas e vergonhosas concessões.

Carta secreta contra o trabalhador

Quais as medidas que o FMI impôs e o governo aceitou na "carta de intenções"? O governo brasileiro não diz ao povo — e "nunca vão ser reveladas" conforme já anunciou Alexandre Kafka, representante do Brasil no FMI. Nas entrelinhas do que é dito, pelo menos três medidas altamente nocivas aos trabalhadores já estão perfeitamente claras.

Vai haver desemprego em massa. Foi decidido um corte real de 9 a 10% nos gastos das empresas estatais em 1983, que se refletirá em ondas concentricas, nos ramos da construção, da metalurgia, na economia em seu conjunto. Os patrões, sem encomendas, descarregarão seus prejuízos sobre os trabalhadores, demitindo-os numa escala ainda maior que em 1981-82.

Vai haver também uma carestia alucinante. Embora o FMI diga-se inimigo da inflação e Delfim prometa aumentos de "apenas" 70% em 1983 (lembrem-se de 82?), suas medidas



Manifestação contra a rendição ao FMI, durante a visita de Reagan: a luta vai crescer

farão os preços dispararem. Já está decidido, por exemplo, que as tarifas de energia elétrica, os preços dos derivados de petróleo e dos produtos siderúrgicos serão reajustados acima da taxa inflacionária. E vai haver um forte aumento nos juros do crédito rural,

arruinando os pequenos produtores e encarecendo os alimentos.

Finalmente, a parte mais misteriosa do acordo, é a da política salarial. Segundo Delfim, não há nada decidido nesta área. "O que será mudado depende dos estudos que estão sendo feitos e a forma escolhida para viabilizar legalmente a medida tanto pode ser o decreto-lei, se isto for possível, como o envio de um projeto de lei ao Congresso".

Uma coisa, porém, é certa: será uma medida de arrocho salarial, e dos fortes. O sr. Struckmeyer é conhecido há pelo menos dois anos como um crítico dos reajustes semestrais dos salários no Brasil. E o FMI é conhecido no mundo inteiro como inimigo feroz do nível de vida dos trabalhadores em todos os países que se submetem à sua política.

Por isso, todos esses países vítimas da intervenção do Fundo têm sido palco de um forte acirramento das lutas de classes. A Argentina, recém-saída de uma formidável greve geral que contou com a participação de 97% dos trabalhadores do país, é apenas o exemplo mais recente.

Também no Brasil será fatal o aumento da luta contra a exploração. A tomada de posição da Comissão Pró-CUT (veja o box ao lado) e as manifestações durante a visita de Reagan foram uma amostra do que está por vir. Os trabalhadores brasileiros seguramente não se deixarão espoliar pelo aumento dos preços e da inflação. A luta pela defesa da soberania nacional e pela independência econômica é uma luta de classes.

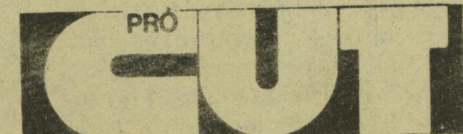
Protesto contra o novo arrocho salarial

Trechos do manifesto da Comissão Nacional Pró-CUT:

A Comissão Nacional Pró-Central Única dos Trabalhadores (Pró-CUT) vem a público manifestar o repúdio dos trabalhadores brasileiros diante do anúncio de implantação de medidas governamentais que, a pretexto de solucionar a gravíssima crise econômica, visa, na verdade, impor novos e inaceitáveis sacrifícios para a já tão explorada classe trabalhadora.

Submetida a uma verdadeira chantagem por parte do capital financeiro internacional, a nação assiste, indignada, à imposição exercida pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Atendendo às exigências de interesses estranhos à nação. O governo federal anuncia mudanças na atual política salarial. Em que pesem as distorções e limitações dessa política, os reajustes semestrais, a produtividade e a correção de 10%



acima do INPC para a faixa até três salários mínimos — conquistas ora ameaçadas — são frutos da intensificação das lutas e da organização dos trabalhadores brasileiros nos últimos anos.

Denunciamos a falsa teoria de que os aumentos salariais sejam os responsáveis pela inflação. Os trabalhadores têm memória e sabem muito bem que a carestia aumentou justamente quando foram submetidos ao mais intenso arrocho salarial, imposto através da repressão e da falta de liberdades democráticas e sindicais. Não estamos dispostos a arcar com o ônus da falência de um "modelo" econômico desumano, certos de que contaremos com a solidariedade de todos os que desejam o progresso e a independência nacional.

A caminho da falência mundial

Dezenas de milhões de desempregados são a marca dolorosa de 1982. Em todo o mundo a crise econômica virou primeira página dos jornais. No Brasil até no bar da esquina o assunto é o desemprego, o FMI e a dívida externa. Este ano marcou uma rápida aceleração da crise mundial do capitalismo e o acirramento de todas as contradições sociais.

Está evidente que o capitalismo entrou em profunda depressão. Quando as principais potências e a maioria dos países do mundo tiveram uma queda na sua produção industrial em 1981, os defensores do capitalismo disseram que era uma crise passageira, igual a de 1975. Muitos apontavam também que a culpa era do segundo choque do petróleo. Mas os advogados do capitalismo foram desmentidos pela vida. Pela primeira vez desde a década de 30 a recessão industrial já dura dois anos consecutivos e não se pronuncia nenhuma recuperação. E não dá para culpar o petróleo — seu preço está caindo! Essa é a diferença do ano de 1982.

DOMÍNIO DOS BANCOS

A espoleta para a grande crise que começou em 1929 foi o estouro na Bolsa de Valores de Nova York — o chamado "crack" (quebra) que da noite para o dia transformou valiosas ações das maiores companhias do mundo em pedaços de papel sem valor. Na crise atual a espoleta está nos bancos.

Os bancos passaram a dominar totalmente a economia e transformaram o mundo numa enorme teia de países endividados até o pescoço. Em 1981, a Polônia, devendo quase 30 bilhões de

dólares, decretou a renegociação da dívida externa. Foi um pesadelo para os grandes bancos. Mas em 1982 ficou mais grave. O México com 90 bilhões de dólares de dívida externa quebrou. A Argentina, devendo quase 40 bilhões, se meteu numa guerra aventureira e também quebrou. E para terminar o maior estouro do mercado mundial: o Brasil, menina dos olhos dos banqueiros, maior fonte externa de lucros para o Cíby Bank e o Chase Manhattan Bank, entre outros, entra em renegociação de sua dívida externa — que já anda pelos 100 bilhões — e apela para o FMI em verdadeiro desespero. Ao todo, este ano, cerca de vinte países apelaram para o FMI.

Este foi também o ano das grandes falências de empresas poderosíssimas, como é o caso da Braniff, uma das 10 maiores companhias aéreas do mundo, e da Telefunken, truste alemão da eletro-eletrônica, e o do Banco Ambrosiano, maior banco privado da Itália, que afundou num escândalo envolvendo mortes e intrigas com a Máfia e com o Vaticano.

NOVA GUERRA

Para complementar o quadro, outra característica deste ano é a guerra comercial declarada. Este ano o mercado mundial caiu 2% e deve cair ainda mais em 1983. Em vista disto o

comércio perde força e flexibilidade, cada um se protegendo para evitar desequilíbrios nas trocas externas. A Rússia compra fosfato da poderosa Occidental Petroleum desde que esta lhe venda equipamentos e tecnologia para a instalação de uma fábrica de amônia. E a Occidental se compromete ainda a comprar uma parte da futura produção desta fábrica. A Iugoslávia acerta a compra de fábricas de automóveis na Itália, desde que este país compre o equivalente em produtos iugoslavos. E também uma parte da produção de carros da nova fábrica. É assim por diante. Produto contra produto sem o uso da moeda, indicando a extrema instabilidade mundial.

O auge desta disputa foi o embargo pelo governo dos Estados Unidos, de fornecimento de empresas americanas envolvidas na construção do gasoduto transiberiano — o maior projeto econômico desta década — que bombearia gás soviético para a Europa. Entre as empresas prejudicadas estavam a Telefunken, a Mannesmann, a Dresser-Clark, a Alsthom, a John Brown e várias outras potências econômicas européias e até americanas. Esta violação aberta das regras de livre comércio e o troco dos países atingidos, que ameaçam paralisar a economia mundial, são consequências diretas da crise. São também episódios preparatórios de uma nova guerra, como por duas vezes a humanidade já assistiu. Mas os chefes capitalistas ainda falam em recuperação! Como?



Fila para comprar alimentos racionados em Moscou: consequência da volta da Rússia ao capitalismo

O amargo revisionismo

Durante este ano, todos os países que se afastaram do caminho do socialismo foram atingidos em cheio pela crise econômica. O caso mais grave e evidente é o da Polônia, que iniciou o ano com crescimento negativo de 13%. Também na União Soviética, a economia está em franca recessão. Foi a herança deixada por Brejnev para Andropov...

Alguns países ex-socialistas haviam conseguido minimizar e adiar internamente os efeitos da crise internacional valendo-se dos resquícios de certos elementos socialistas, ainda presentes nas suas economias, como o alto grau de planificação e centralização estatal. Mas em 1982 nenhum desses países escapou do turbilhão da recessão.

Na Polônia, de nada adiantou a bárbara repressão desencadeada contra a classe operária com o golpe militar e lei marcial. A economia do país continua na mais completa estagnação, atingindo neste final de 1982 o seu nível mais baixo desde 1973. Só nos primeiros seis meses, a inflação chegou a 104%, segundo dados oficiais. E as autoridades anunciam, abertamente, que a tendência no próximo ano é piorar.

ÍNDICES ALARMANTES

Na União Soviética, as taxas anuais de crescimento, que eram de 5,7% (renda nacional), 7,4% (produção industrial) e 2,5% (produção agrícola) no período de 1971 a 1975, baixaram para 3,6, 4,6 e 1,1% respectivamente em 1976-1980 e chegaram este ano a índices alarmantes. De janeiro a setembro, a produção industrial soviética cresceu apenas 2,7%

abaixo dos 3,4% atingidos no mesmo período do ano passado e muito longe da meta estabelecida de 4,7%. A produção de cereais deve fechar o ano em 180 milhões de toneladas, 25% abaixo da meta do plano quinquenal.

E nos demais países o quadro é o mesmo. A Tchecoslováquia, por exemplo, terá este ano, o crescimento econômico nulo pela primeira vez, desde a sua libertação do nazismo em 1945. E a Iugoslávia acaba de anunciar uma série de medidas de emergência para tentar superar as gravíssimas dificuldades da sua economia. O governo anunciou que vai sacrificar ainda mais o padrão de vida dos trabalhadores para "preservar a independência econômica e política do país", repetindo os argumentos reacionários de um ex-ministro brasileiro de que é impossível ser patriótico e popular ao mesmo tempo.

CORRENDO PARA O FMI

A consequência desse crise, foi a aceleração do processo de reintegração total dos países revisionistas ao sistema capitalista ocidental. A tal ponto que a Romênia e a Hungria se tornaram até mesmo membros do FMI, principal instituição do capital financeiro mundial, dominado pelos EUA.

A dívida externa do bloco soviético, sem contar a China e a Iugoslávia, pulou de 7 bilhões de dólares em 1970 para 100 bilhões de dólares hoje em dia! E é claro que os banqueiros usam este "cacife" para impor modificações que lhes interessam nos países devedores. Até Cuba, que mantinha elevadas barreiras contra a penetração do capital ocidental, abriu as portas de sua economia em troca do adiantamento por até 10 anos do pagamento da sua dívida externa. Em junho, o governo de Havana aprovou o decreto-lei número 50, que passa a permitir que firmas estrangeiras tenham uma participação direta de até 49% em empresas cubanas e estabelece uma série de benefícios para as multinacionais.

Este processo chegou a tal ponto que alguns países já restauraram até mesmo as formas abertas jurídicas de propriedade capitalista. A nova Constituição que a China aprovou, por exemplo, restitui por lei a propriedade privada da terra, além de admitir legalmente a existência de regiões inteiras "não socialistas" dentro do país. E na Romênia o governo apresentou um projeto ao Parlamento permitindo a compra, por indivíduos, de ações das empresas estatais...

Como lição, fica a certeza de que enquanto não construirmos o socialismo, sem crise e com bem-estar para todos, amargaremos a miséria da exploração capitalista. (Luís Fernandes)



Protesto contra a falência da Telefunken que colocou em perigo 20 mil empregos.

Aumenta exploração

Como sempre, o capitalismo se prepara para sair da crise através da superexploração dos trabalhadores e da destruição de máquinas e mercadorias. Através do arrocho salarial, da concentração e fusão de empresas e da preparação da guerra. Os monopolistas passam a executar, por toda parte, programas chamados de "austeridade", mas que no fundo representam cortes nos salários e nos benefícios sociais.

PREPARANDO A GUERRA

A política de Reagan, nos Estados Unidos, é um exemplo disso. Cortes nos salários e nos benefícios da Previdência Social e aplicação cada vez maior de verbas em armas têm sido a sua "receita" para sair da crise — e tem tido efeito contrário... Os salários na indústria tem tido uma queda anual de 1 a 2%. Na Previdência, os cortes atingem dezenas de bilhões de dólares. Ao mesmo tempo, os EUA se lançam no maior plano de preparação de guerra de toda a sua história, um reaparelhamento e expansão jamais vistos do seu poderio militar — atômico e convencional.

Reagan planeja gastar 1,6 trilhão de dólares em armas nos próximos cinco

anos. Quantia quase do tamanho das exportações e importações em todo o mundo e igual à metade do produto interno norte-americano. E a Rússia gasta 15% de sua economia para a guerra.

AUMENTA O DESEMPREGO

O número de desempregados já atingiu, só nos países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (Europa Ocidental, Japão e Estados Unidos), cerca de 30 milhões de trabalhadores. Esse número é, mais ou menos, o mesmo atingido na década de 30, quando houve a última grande crise capitalista mundial.

Os dados são assustadores. Em novembro, o desemprego nos Estados Unidos atingia 10,8% da população economicamente ativa, o que representa 12 milhões de trabalhadores. Para os que trabalham na indústria, esse nível sobe a 16,5%. Entre julho e novembro, 2,2 milhões de trabalhadores perderam seus empregos nas fábricas norte-americanas. Entre os jovens negros, a taxa de desemprego atinge 42,3%. Neste ano, a produção industrial norte-americana teve uma queda de 10%!

A saída para a crise é a revolução

Os mecanismos capitalistas para evitar a crise estão se esgotando. Durante muito tempo foi possível "amortizar" a sua explosão espalhando os problemas para os países mais débeis. Mas a situação chegou a tal ponto que o mundo se encontra à beira de uma catástrofe. Um fato mais grave em qualquer país pode desencadear um processo incontável.

Mas ao lado da crise capitalista amadurece, como sua consequência inevitável, a rebelião das massas trabalhadoras e a idéia da revolução. Pela própria experiência prática, e orientados por seus partidos marxistas-leninistas, os operários tomam consciência de que não basta resistir à exploração capitalista e que o grande problema é liquidar o sistema de exploração capitalista e substituí-lo pelo socialismo.

A vida ensina também que embora se esfale periodicamente em crises violentas, o capitalismo não cairá de maduro. Através da superexploração dos trabalhadores e através das guerras, a burguesia trata de reconstruir o velho e agonizante sistema baseado no lucro.

As crises abalam o poder burguês e acirram a luta entre as classes. Este processo cria as condições para a transformação necessária, que só pode se realizar pela revolução, pela ação consciente de milhões para destruir o velho e construir o novo. Não existe outro caminho, e não existe atalho, para a classe operária se libertar.



Os operários albaneses não temem o desemprego e sabem que trabalham em seu próprio benefício.

O socialismo sem crises

Este ano o governo da Albânia socialista promoveu a 17ª rebaixa de preços desde a libertação do país. Enquanto no Brasil a inflação beira os 100%, os albaneses podem comprar muitos produtos mais baratos. E enquanto no resto do mundo milhões de trabalhadores temem o dia de amanhã os albaneses desconhecem o desemprego, a fome e a insegurança.

A realidade da Albânia socialista apresenta um flagrante contraste com a situação mundial. Enquanto os países capitalistas e revisionistas aprofundam-se cada vez mais numa crise geral, política e econômica, a Albânia vem assegurando um desenvolvimento vigoroso e independente em todos os campos. Tem conseguido evitar as consequências destrutivas da crise mundial e tem criado condições favoráveis à constante elevação do nível de bem-estar das massas trabalhadoras do país.

Ainda em junho deste ano o Conselho de Ministros decretou um rebaixamento dos preços ao consumidor de diversos artigos. Carnes, artigos de

armazéns, tecidos e confecções de lã e algodão, televisores, gravadores e eletrodomésticos tiveram seus preços reduzidos de 7 a 53%. Também 135 tipos de serviços públicos, como transportes, correios, etc., tiveram seus preços reduzidos de 8 a 15%.

POLÍTICA ACERTADA

Esta foi a 17ª rebaixa de preços na Albânia desde a revolução nacional-libertadora, que em 1944 livrou o país dos invasores nazifascistas e abriu caminho para o socialismo. Desde então nunca houve aumento de preços no país. Não há mais explorados e exploradores. Por isso os albaneses não sabem o que é desemprego, nem fome e insegurança.

aluguel corresponde em média ao valor de um dia de trabalho. E o maior salário existente é apenas 1,8 vezes superior ao menor salário.

Este ano os 610 mil trabalhadores albaneses realizaram também seu Congresso, decidindo intensificar seus esforços visando aumentar a produtividade, fortalecendo a política da Albânia de não pedir créditos a nenhum país, de acordo com a linha defendida pelo Partido do Trabalho, que dirigiu a revolução libertadora e dirige a classe operária e o povo na construção do socialismo. Como afirmou o jornal *Zeri i Popullit*, a Voz do Povo, órgão central do PTA, "Nosso Partido apoia a contínua elevação do nível de bem-estar geral das massas trabalhadoras na aplicação do princípio do apoio às próprias forças, sem dever nada a ninguém, sem receber 'ajudas' e créditos escravizantes".



Greve contra a superexploração em Bilbao, na Espanha, no mês de outubro.

Há dez anos, o martírio de heróis da classe operária

Foi há dez anos. Ao anoitecer de 28 de dezembro de 1972, Carlos Danielli era seqüestrado por agentes da OBAN, em Vila Mariana, São Paulo. Seu cadáver, desfigurado pela tortura, deixaria o prédio sinistro da OBAN 48 horas depois. No Rio, Carlos Guilhardini e Lincoln Oest, também dirigentes operários e comunistas, tinham a mesma sorte. Nos jornais, aparecia a versão mentirosa do Exército: "Terrorista morto em tiroteio"...

Foi há dez anos apenas, mas é sempre bom lembrar os tempos que o Brasil vivia quando tombaram Danielli, Guilhardini, Oest, três meses após, um quarto dirigente do PC do Brasil, o jovem Lincoln Roque. Sob o governo do general Médici, reinava a tortura, o terrorismo oficial. Nas matas do Araguaia a Guerrilha vinha de enfrentar com êxito duas campanhas de aniquilamento montadas pelas Forças Armadas. A ditadura militar-fascista, enfurecida, voltava-se contra todos que simpatizavam com a Guerrilha. Milhares de pessoas passaram pelas salas de tortura naqueles dias. E o Partido Comunista do Brasil, que encabeçava a resistência do Araguaia, era o alvo principal da fúria repressiva.

A QUE PONTO CHEGAM

É bom lembrar esses episódios — ainda que dolorosos — porque são um pedaço, muito instrutivo, da história do movimento operário e popular.

Eles mostram a que extremos de selvageria chegam as classes exploradoras, seus órgãos de violência e repressão. Maria Amélia Teles, seqüestrada na mesma época, relata: "Pudemos ver Danielli, já quase morto, nu, meio sentado no chão e encostado à parede, com a cabeça tombada, o corpo cheio de manchas roxas e feridas. Percebemos logo que os torturadores tinham-no arrebatado por dentro. Isso foi 24 horas depois de nossa prisão. No dia seguinte, o corpo foi retirado da OBAN numa maca. Estava todo sujo de sangue, nos ouvidos, boca, nariz. Danielli estava morto".

Hoje a correlação de forças no país é outra e os métodos de governo tiveram que mudar. Porém não mudaram os gerais no poder. São os mesmos que, nos idos de 1972, mandavam torturar operários até a morte.

É COMIGO MESMO!

Os episódios de dez anos atrás mostram também até onde chega a

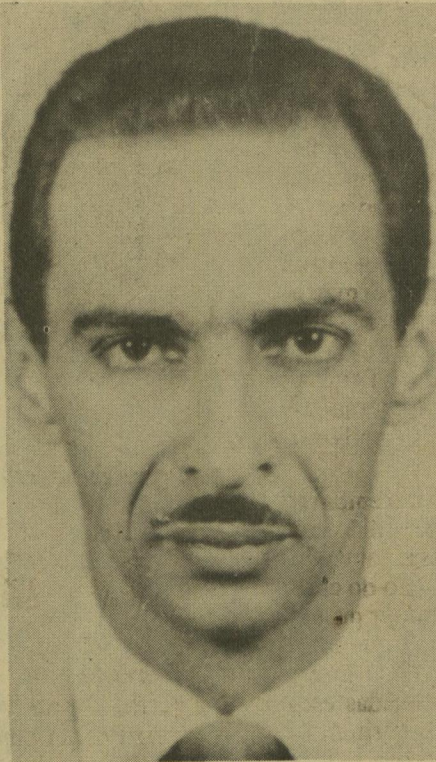


L. Carlos Leite

fibra dos autênticos revolucionários. Danielli, operário metalúrgico, filho de uma família proletária do Estado do Rio, teria hoje 52 anos. Atirou-se muito cedo à luta de sua classe e com 24 anos de idade, já era eleito para o Comitê Central do PC do Brasil. Quando o oportunismo tomou de assalto o partido, foi dos primeiros a resistir e teve participação destacada na sua reorganização, em 1962.

Simple, brincalhão, conhecido e muito querido, sobretudo nos meios operários fluminenses, Danielli portou-se como um herói. Conta-se que, na tortura, seus algozes o interrogavam sobre as formas de ligação dos guerrilheiros do Araguaia com o partido nas cidades. Sabendo há tempos que seu nome estava na lista dos marcados para morrer, e procurando descomprometer seus companheiros, o prisioneiro respondeu: "É sobre a guerrilha que vocês querem saber? Pois é comigo mesmo. Só que eu não vou dizer!".

Guilhardini, operário da construção naval, comunista desde 1945, foi dirigente do partido nos marítimos, uma das categorias mais agüerridas antes de 1964. Após o golpe, percebeu



Aquino TLO

O corpo de Danielli, enterrado às escondidas pelos torturadores, foi descoberto e transladado em 1981

o quanto era profunda a traição revisionista e, como muitos marítimos, retomou seu posto no partido reorganizado em 1962. Morreu sem dizer uma palavra aos torturadores.

Lincoln Oest não era operário de origem, mas desde jovem, na época da insurreição de 1935, ligou sua vida à luta do proletariado. Deputado estadual pelo PC do Brasil no Estado do Rio em 1945, era muito popular, por sua integridade e coração generoso. Tanto que, quando os órgãos do Exército divulgaram suas falsidades sobre a morte de Oest, um simples cidadão, desafiando o clima de terror reinante, escreveu a um órgão da grande imprensa defendendo a memória do comunista supliciado.

Estas vidas e estas mortes, carregadas de bravura revolucionária, são motivo de orgulho para os comunistas e todos os operários, os patriotas e democratas que prosseguem hoje a luta dos que tombaram. Evidenciam que o movimento operário brasileiro não nasceu ontem, tem atrás de si toda uma história povoada de lutas, de mártires e heróis.

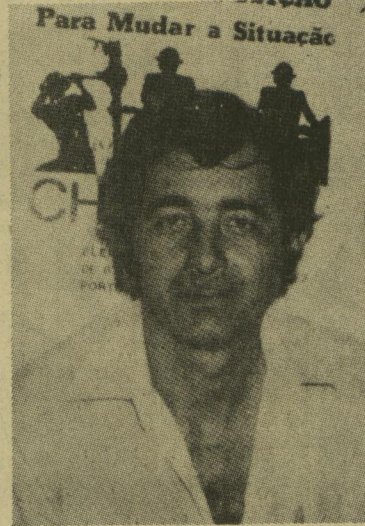
Nas fábricas de Porto Alegre metalúrgicos votaram chapa 2

Na eleição no Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre, a chapa 2, de oposição, encabeçada por José Freitas, perdeu no total mas venceu por mais de 200 votos nas fábricas. "É o anseio dos que trabalham nas fábricas, enfrentando as dificuldades, e que querem uma direção capaz de unir a categoria para enfrentar o ano de 83", afirmou Freitas.

No cômputo geral a situação teve uma vantagem de 201 votos (2.538 contra 2.337), devido aos votos dos desempregados — 587 votos para a chapa 1 e 205 para a oposição. Porém nas fábricas deu chapa 2.

Na Zivi, onde trabalha o presidente atual, por exemplo, a oposição venceu por 355 votos contra 181, graças à grande liderança dos metalúrgicos Nildo e Flávio Barbosa. Nas empresas de Cachoeirinha e Gravataí, onde Freitas tem muitos anos de atuação sindical, a chapa 2 ganhou por 334 contra 90. Ganhou também na Albarus, Valig, Matarazzo, João Hoppe, Elizário e Sur de Guaíba.

Miguel Angelo, operário da Geral, explica este resultado: "Nas grandes empresas, onde a



José Freitas encabeça a oposição

opressão patronal não pode ser tão eficiente, os metalúrgicos esmagaram o peleguismo". E acrescenta que "agora no segundo turno os aposentados

e os que trabalham nas pequenas fábricas também vão votar com a oposição".

DECISÃO AINDA ESTE ANO

O segundo turno se realizará entre 27 e 31 de dezembro, já que não houve quórum. E José Freitas está confiante na vitória da chapa 2. "Só perdemos no primeiro turno — diz ele — porque em alguns lugares a nossa proposta não pôde ser conhecida. Mas agora até os aposentados já receberam a nossa propaganda e conhecem nosso programa de mudança para o Sindicato. No primeiro turno testamos nossa força e agora todos sabem que a oposição veio para mudar o Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre e tem todas as condições para isto".

Eduardo, da Trafo, onde a oposição venceu o situacionismo por 168 votos contra 51, acrescenta: "Os metalúrgicos querem uma diretoria capaz de enfrentar com firmeza as tentativas do governo de retirar o reajuste semestral, aumentar o desemprego e o custo de vida. Por isso vão votar na chapa 2".

(da sucursal de Porto Alegre)

Pró-CUT aprova plano de luta contra o arrocho

A Pró-CUT adotou, na sua reunião do último dia 10, um plano inicial de luta contra a ofensiva do governo e do FMI para arrochar ainda mais os salários. O programa visa unificar o movimento sindical a nível nacional e inclui um abaixo-assinado monstro; a realização de assembléias em todas as categorias; a divulgação ampla de um manifesto à população; e um Dia Nacional de Luta Contra o Arrocho Salarial, em 14 de janeiro.

A Executiva da Comissão Nacional Pró-CUT deliberou centrar fogo na exigência do retorno dos 10% acima do INPC sobre o salário-mínimo e pela sua manutenção até a faixa de três mínimos; contra a revogação do reajuste semes-

tral e pela conquista do trimestral; por nenhum reajuste abaixo do INPC para qualquer faixa salarial; pela plena liberdade de negociação da produtividade; e pela extensão dos benefícios da política salarial aos servidores públicos. Mas a Pró-CUT ressalva no Manifesto que pesam "distorções e limitações" na atual política salarial, que agora o governo tenta piorar. (ver trecho na página 5).

MOBILIZAÇÃO GERAL

Só o fato da direção nacional do movimento sindical ter se reunido para tratar de um assunto de interesse de todos os trabalhadores já é positivo. Para Jamil Murad, diretor do Sindicato dos Médicos de São Paulo e membro da Executiva da Pró-CUT, "a impressão que dá é que os novos elementos que renovaram a Pró-CUT trouxeram uma preocupação

maior e real com os problemas da classe operária e dos demais trabalhadores. Independente das divergências, que antes barlavam os trabalhos da Pró-CUT, agora há preocupação em dar andamento à luta sindical".

"Quanto às formas de luta, nós discutimos a possibilidade dos trabalhadores chegarem à greve geral", acrescenta Jamil. "No plano se dá passos neste sentido. Por isso todo o movimento sindical tem que se unir para levá-lo à prática, pois é viável. As medidas do FMI não atingem este ou aquele trabalhador, mas a todos. Então não há motivos para nos dividirmos agora. Sabemos que não são só os gringos do FMI os culpados pela crise econômica. O governo também tem culpa e nós temos que colocá-lo na parede. Não carregaremos a crise nas costas".

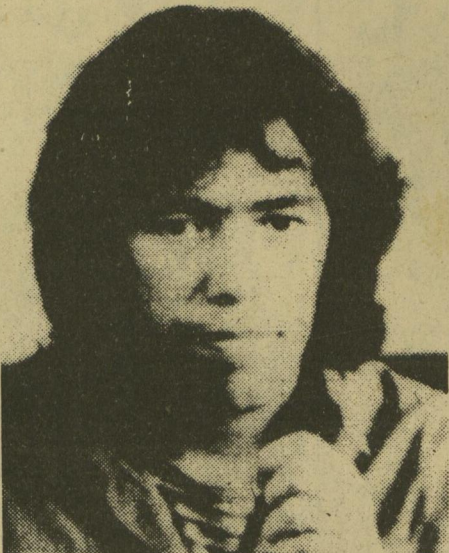
Artistas brasileiros contra prisão e tortura de Godinho

A bárbara prisão e tortura do cantor antifascista português Sérgio Godinho, no Rio de Janeiro, tem gerado uma onda de indignação e revolta. As maiores personalidades do mundo da arte e da cultura encabeçaram a formação de um comitê pró-libertação de Sérgio Godinho, que já se estruturou em todo o país.

Num dessas manifestações, enquanto Godinho se apresentava na Justiça Federal, dia 10, entrevistamos artistas brasileiros muito conhecidos em Portugal, que repudiaram com veemência a prisão.

"BRASILEIROS SOMOS NÓS"

O cantor e compositor Ivan Lins afirmou que "este ato de violência absurdo da Política Federal ofende a dignidade do povo, Sérgio Godinho é um grande amigo. Vou inclusive participar do próximo disco dele e já estou de viagem marcada para



Sérgio Godinho, preso e torturado na PF

Portugal. Ele merece o maior respeito pela pessoa humana que é".

Mais contundente, a famosa atriz de TV Cristiane Torloni disse: "Temos que, dizer ao povo irmão português quem são os verdadeiros brasileiros. Não são aqueles que prendem, torturam e deportam. Os verdadeiros brasileiros somos nós que estamos aqui na porta. O Sérgio é mais uma vítima do arbítrio que nos atinge há 18 anos. Eles vieram com isso na altura das eleições, quando a oposição ganhou em todo país, justamente para que não nos esqueçamos que eles continuam no poder, para tentar nos deixar inseguros outra vez. Mas não vão conseguir".

Já para Chico Buarque de Holanda, a prisão de Sérgio Godinho "é uma prova de que estamos vivendo sob um regime de arbítrio. É bom para se tirar uma lição sobre a situação que



Ivan Lins: "Ofende a dignidade do povo"

ainda reina em nosso país. O povo português tem que entender: este é um arbítrio das autoridades que continuam impunes, abusando do poder que desfrutam há tanto tempo. Afinal, são 18 anos de ditadura".

Desta forma, se depender do povo brasileiro, os portugueses podem estar tranquilos. Sérgio Godinho estará livre o quanto antes, para cantar e fazer sucesso dos dois lados do oceano. (este artigo foi publicado também no jornal Em Marcha, de Portugal).



Chico: "Os portugueses têm que entender"

Patrões usam a lei antigreve e pelego sindical acha que é bom

Dois diretores do Sindicato dos operários da construção civil de Curitiba, José Costa e Joaquim Orlando estão ameaçados pela lei antigreve. Quem processa são os patrões da empresa Irmãos Tha SA. E quem se aproveita é o presidente do Sindicato, Antonio Santana, dirigente do PT, que quer ver os dois fora do páreo nas próximas eleições sindicais.

O "crime" dos dois líderes sindicais foi ter apoiado a greve dos peões das obras do Shopping Center de Curitiba, em julho. Na ocasião, os patrões mandaram seus capangas recebê-los a socos e pontapés, e ainda chamaram a polícia. Mas Antonio Santana desautorizou os dois dirigentes sindicais, declarando à empresa que a iniciativa fora "pessoal" e que o Sindicato não assumia a greve.



Antonio, do PT (à direita), desautorizou a greve na obra.

Com essa atitude antioperária, Antonio apressou a ação dos patrões e agora tira proveito disso. Ocorre que nos próximos meses haverá eleição no Sindicato. E estes dois dirigentes já despontam como futuras lideranças de uma chapa de oposição a esse tipo de atitude do presidente atual, juntamente com Hélio Cagé, operário da construção e

hoje suplente de vereador pelo PMDB.

Se condenados, José Costa e Joaquim Orlando não só perdem seu mandato sindical, como ficam impedidos de concorrer nas eleições, devido aos dispositivos fascistas da lei, o que será um grande prejuízo para a luta da classe e um êxito dos exploradores e pelegos. (da sucursal).

Falcatruas na eleição dos gráficos

Utilizando-se da máquina do Sindicato, de muitos truques sujos e provocações, o pelego Maffei conseguiu manter-se na direção do Sindicato dos Gráficos de São Paulo. Nas fábricas grandes, onde a Chapa 2 de Oposição tinha mais base de apoio, as urnas não funcionaram à noite e a votação foi contida. Tanto que na Abril, dos 538 sindicalizados, 101 não votaram. Na quinta-feira a urna só chegou à fábrica às 16 horas, quando a urna da noite já aguardava de manhã. Nesta

empresa a oposição venceu por 362 votos a 63, mostrando-se o maior reduto oposicionista.

Outra manobra foi a concessão arbitrária de anistia das mensalidades aos "simpatizantes" de Maffei, possibilitando que votassem mesmo em condições irregulares. A oposição fez campanha eleitoral às cegas, pois a diretoria não concedeu a lista de sócios. Enquanto a Chapa 2 tentava atingir a categoria toda com sua proposta de renovação, o pelego ia

direto aos sócios com sua demagogia barata.

"Nós aprendemos muito com esta eleição", observa um gráfico da Abril. "Para renovar um Sindicato precisamos sindicalizar em massa. Muitos gráficos apoiaram a Chapa 2, o negócio agora é ir todo mundo para dentro da entidade. Não podemos abandoná-la e só voltar nas próximas eleições, por que senão o pelego continuará a trair a categoria nas eleições seguintes. Não podemos dar-lhes esta brecha".

ESCLARECIMENTOS

Diante dos justos descontentamentos manifestados por diversos professores e estudantes da UFBA, que são amigos e leitores da Tribuna Operária, em face da publicação na edição 94 de entrevista feita com o artista plástico Edson Luz, a sucursal de Salvador sente-se no dever de vir a público esclarecer que:

• reconhecemos os professores e artistas Juarez Paraiso e Vânia Carvalho como pessoas íntegras, democratas ativos que sempre apoiaram e participaram dos movimentos democratas e populares na Bahia;

• que as opiniões e informações sobre administração do diretor da Escola de Belas Artes, artista Juarez Paraiso, assim como sobre o estilo de direção usado na escola são de exclusiva responsabilidade do entrevistado;

• reconhecemos que nossa inexperiência fez com que nosso repórter não investigasse a veracidade e procedência das opiniões emitidas pelo entrevistado e, sendo assim, pedimos desculpas às pessoas atingidas e reafirmamos nossa disposição de continuar mantendo um bom relacionamento com os artistas e professores baianos ao tempo que, como intransigentes defensores das mais amplas liberdades políticas e da democracia, colocamos as páginas da Tribuna Operária à disposição para divulgar o trabalho e as lutas dos artistas e professores.

Esperamos continuar contando com o efetivo apoio e colaboração não só do Juarez Paraiso e Vânia Carvalho como de todos os artistas, professores e estudantes democratas que se batem pela conquista das liberdades e da democracia em nosso país. (Arthur de Paula, da sucursal)

Vera Seydo



Cristiane: "Estes não são brasileiros"

Natal dos desempregados sem festas e presentes

Para os trabalhadores, aquela imagem do Natal com festas, presentes e alegria está ficando apenas na recordação. Este ano muitos não irão comemorar o Natal porque estão desempregados e outros, com medo de perder o emprego, não se arriscam com gastos extras. "Natal bom é quando a gente tem um emprego garantido e recebe o 13º salário", opina um desempregado em São Paulo.

A crise que se abate sobre a economia brasileira não atinge a todos por igual. Basta ver que enquanto alguns milhões de pessoas estão desempregadas, uma minoria de privilegiados gasta milhões de cruzeiros com as festas de fim de ano. Os shopping-centers é onde esta elite prefere fazer suas compras, e até o Natal eles esperam superar os 200 bilhões de cruzeiros em vendas. Mas o mundo dos shopping-centers é uma realidade para poucos, para quem tem muito dinheiro para gastar. Para a imensa maioria dos brasileiros a realidade é outra.

O Largo 13 de Maio, na zona sul de São Paulo, é um local de concentração de operários. Na praça atrás da pequena igreja, biscoiteiros expõem seus produtos, enquanto outros folheiam jornais em busca de emprego. Um caminhão da PM fica estacionado, vigiando permanentemente aqueles homens. Ali a preocupação não é preparar a festa de Natal ou o reveillon, mas sim a busca de um emprego.

Para o piauiense Amadeu Carlos da Mota, o Natal vai ser duplamente ruim: sem dinheiro e longe da família. Sentado com mais dois companheiros em um banco do Largo 13, rosto abatido, Amadeu afirma que "este Natal vai ser bem pior para mim porque estou desempregado". Está há três meses em São Paulo e deixou a mulher e os dois filhos em São Raimundo Nonato, no Piauí. Chegando em São Paulo foi trabalhar na construção civil, mas há 15 dias perdeu o emprego e agora não tem nem local para morar.

Natal triste para Amadeu: sem emprego e longe dos filhos

Como muitos outros que vieram para São Paulo, esperando encontrar uma vida melhor, Amadeu ficou desiludido. "Estou com saudades demais de meus filhos — diz ele — mas não pretendo trazê-los não, porque a vida de ajudante aqui é muito dura. Sozinho o salário já não dá, imagina com a família! Eu quero trabalhar pelo menos mais um mês pra juntar dinheiro para ir embora".

Jair Coelho de Araujo também está desempregado e diz que o "Natal vai estar ruim porque a gente não tem dinheiro". Jair é baiano e está em São Paulo há quatro meses e trabalha na construção civil. Revoltado, explica a sua situação: "A gente arruma serviço com esses empreiteiros ladrões e não recebe. Assim, como é que a gente vai arrumar dinheiro para voltar para casa?"

O pedreiro Lourival Correia está



Operários da Mercedes Benz deixam a fábrica mas não sabem se voltarão a trabalhar em 1983

com um de seus três filhos no colo, caminhando pela praça. Não sabe como vai passar o Natal este ano, pois está desempregado e com dois filhos doentes. Ele diz que quando seus filhos lhe pedem um presente, explica: "Espera um pouco, deixa o papai começar a trabalhar". Lourival recorda que no Natal passado deu uma boneca e um vestido para as filhas "e elas ficaram muito contentes".

"Estou desempregado e faço de contas que não existe natal"

Um grupo de capoeira chega ao local para fazer uma apresentação e então se forma um círculo em volta dele. Atento às evoluções dos capoeiristas, o alagoano Arnaldo Augusto dos Santos esquece um pouco os seus problemas. Ajeitando seu boné na cabeça, ele conta que trabalhava como soldador, até ser "encostado" pelo INPS, com bronquite. Arnaldo ganha 36 mil por mês, tem seis filhos e diz que "este Natal vai ser mais difícil do que os outros. Na época que eu trabalhava, a firma dava uns presentes para as crianças, mas agora faço de conta que não existe Natal".

Arnaldo explica que perdeu a saúde quando trabalhava na Cosipa, em Cubatão, porque "a poluição lá é muito forte e peguei esta bronquite". Ele prefere sair de casa e dar uma volta porque "eu que sou acostumado a trabalhar, em casa fico muito preocupado com a situação". Ao contrário do soldador, o marceneiro João Ribeiro, também parado por causa de doença, diz que evita sair muito de casa, porque sempre "que sai a gente gasta". João acha que a vida está cada vez mais difícil e ele não pode dar presentes aos filhos no Natal, "eles compreendem".

O desemprego é o fantasma que hoje amedronta todos os operários. Ninguém tem garantia se ao ir para o serviço no dia seguinte não encontrará um aviso de demissão. Somente no Estado de São Paulo já são mais

de meio milhão de desempregados, e com a política econômica do governo de atrelamento ao FMI, esta situação só tende a piorar. Na fábrica Mercedes Benz, em São Bernardo do Campo, correu o boato de que haveria demissões em massa depois das férias coletivas de fim de ano. Foi o que bastou para atrair as férias de muitos trabalhadores.

"O operário chegou a uma situação em que ele não sabe se vai ser demitido ou não. Todo mundo fica naquela tensão, todos ficam com medo. Estamos lutando por estabilidade, mas os patrões não dão". Quem afirma isso é um encanador na Mercedes, pai de cinco filhos e, como outros, se recusa a dar seu nome com medo de sofrer represálias da empresa.

Na porta da Mercedes já se encontra um aspecto da crise que atinge em cheio os

trabalhadores. São os que vivem do subemprego. Dezenas de biscoiteiros — muitos deles ex-operários da fábrica — expõem seus produtos (desde relógios até brinquedos, roupas feitas, etc.) na esperança de um provável comprador. "Pra classe pobre, pra quem trabalha, a vida está sempre dura" explica o operário João Marques, ao sair da fábrica. Antes de subir no ônibus, rumo à casa, João, que trabalha na Mercedes há 12 anos, diz que "todo mundo na minha seção está preocupado com o desemprego".

Desemprego é a palavra que mais

se houve da boca dos que saem apressados de dentro da fábrica. João Moisés dá sua opinião, que é igual a de muitos outros: "Você já pensou sair de férias e quando volta está sem o emprego? A situação está 'russa' e muita gente já prefere nem viajar mais nas férias". Um outro operário, Rui, controlador de qualidade, trabalha há sete anos na Mercedes e é contundente ao falar: "A situação está péssima. E pelo jeito que estou vendo o Figueiredo fazer, vai arruinar mais ainda".

(Domingos Abreu)



Funcionários de Goiânia exigem prestação de contas do dinheiro público

Natal ótimo dos ministros

O governo federal está agarrado com unhas e dentes ao poder e não quer deixá-lo. Não quer perder, assim, suas fantásticas mordomias. Se existe um setor onde a crise econômica não causou problemas foi entre os altos escalões da administração federal. Utilizam jatinhos particulares, fazem orgias internacionais e se hospedam nos hotéis mais caros do mundo, tudo com o dinheiro público.

Delfim Netto, o homem que orientou o arrocho salarial e a atual política econômica que está levando o país à falência, não economiza dinheiro em suas viagens. em alguns hotéis em que o ministro do Planejamento fica na Europa, a diária é de 80 mil cruzeiros. O ministro da Fazenda Ernane Galvêas costuma viajar junto com Delfim ao exterior, e seus assessores diretos recebem uma bagatela de 90 mil cruzeiros por dia para alimentação, transporte, etc. E saber que foram estes mesmos homens que decretaram um salário mínimo em torno de 23 mil cruzeiros por mês...

Para as viagens dentro do país, os ministros e seus assessores utilizam-se de diversos jatinhos. Raramente estas figuras governamentais utilizam os aviões de carreira. Já chegou-se ao cúmulo do ministro Ernane Galvêas desviar um avião da Varig, da Rota Nova York—Rio, obrigando-o a aterrisar em Brasília. Somente a FAB tem oito jatinhos para servir aos ministros.

Mas nem só os ministros se servem destas mordomias. O filho do presidente do Instituto Brasileiro do Café (IBC) Octávio Rainho Júnior, usava com frequência um jato do IBC para seus passeios particulares ao litoral brasileiro. Dulce Figueiredo, mulher do presidente da República, também se utiliza dos aviões oficiais como se estivesse usando um táxi. Utilizou um Boeing presidencial para assistir um show do cantor Julio Iglesias, em São Paulo, e outro para ir de Brasília a Campinas comprar toalhas para o Palácio Alvorada.

Nestas viagens internas e ao exterior sempre vai uma comitiva de convidados, geralmente empresários e políticos governistas, com as despesas todas pagas. Entre essas viagens ficou famosa a orgia que as 120 pessoas que viajaram com o presidente Figueiredo à França em 1981, fizeram na casa noturna parisiense "Le 78". Todas as despesas foram pagas pelos cofres públicos e os aviões voltaram abarrotados de compras, sem passar pela alfândega, é claro!

As despesas destes homens que dirigem a nação praticamente não existem, pois eles têm à sua disposição desde luxuosas mansões na capital federal até carros e empregados à vontade. Com tudo isto, estes administradores ficam surdos aos clamores do povo. Eles vivem como se o ano todo fosse um Natal, recebendo presentes que poucos mortais sonhariam



Corbélia exigiu eleições, devido à fraude do PDS

Oposição vence em Corbélia e Braganey

Dois municípios do Paraná, viveram um pouco mais do processo eleitoral, por causa de uma fraude feita pelo próprio juiz de direito da cidade, que abriu as urnas e colocou votos para o PDS. De repente, Corbélia e Braganey se transformaram em centro das atenções do Brasil. Nas duas cidades, o PMDB foi vitorioso. Mas as abstenções foram grandes.

—, Corbélia e Braganey chegaram a ser chamados de a "Serra Pelada paranaense". Um candidato a deputado estadual, que confessou ter gasto Cr\$ 8 milhões só na campanha eleitoral dessas duas cidades, após o 15 de novembro, queixou-se de um seu colega de partido que, nos mesmos locais, gastou Cr\$ 25 milhões, vencendo-o na obtenção de votos!

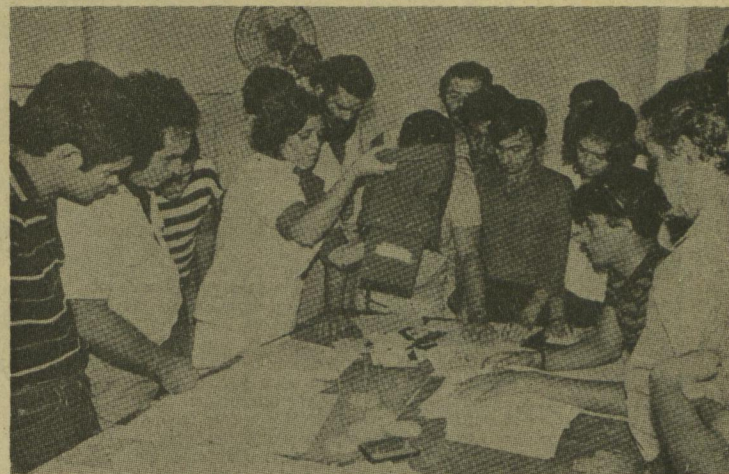
Nessa disputa milionária pelos votos, empenharam-se mais os candidatos "lanterninha" — que estavam em último lugar, dentre os eleitos, e poderiam perder a vaga para algum dos suplentes, caso fossem pouco votados nas duas cidades. E de fato isso aconteceu, com os candidatos do PDS: Antônio Belinati foi substituído por Fuad Nacli na última vaga de deputado estadual; e Adolfo de Oliveira Franco passou da segunda para a primeira suplência de deputado federal.

Imperou também a violência no pleito. Nas duas cidades ocorrem brigas diárias. Em Corbélia, um irmão de candidato chegou a ser assassinado e uma sede de partido incendiada. O cacique Juruna, eleito deputado federal pelo PDT no Rio de Janeiro, foi até a cidade pedir votos para o PMDB, mas teve que sair, ameaçado de morte!

Além do voto do PMDB, os eleitores protestaram também abstendo-se de votar: em Corbélia 34,4% dos eleitores não compareceram às urnas, e em Braganey foi de 43,2% A abstenção. Mas a campanha não acabou no Paraná. Franchita, onde as eleições também foram anuladas, volta às urnas dia 2 de janeiro.

SERRA PELADA PARANAENSE

Com um movimento nunca visto antes — um leilão de votos altamente inflacionado



A oposição não pôde fiscalizar a apuração em Serra Pelada

Urnas anuladas por fraudes de Curió

Houve tanta irregularidade nas eleições em Serra Pelada, no Pará, que o Tribunal Regional Eleitoral, em reunião no dia 13, foi levado a anular os votos de todas as 39 urnas que funcionaram no garimpo. O PDS, pego em flagrante no crime, pode até perder mais uma cadeira na Câmara Federal, já que a legenda havia "obtido" mais de sete mil votos, 95% do total da área!

O candidato mais atingido com a anulação é o famigerado Major Curió, ex-coordenador do garimpo e membro do Serviço Nacional de Informações. A fraude foi tamanha que dos 7.171 votos apurados em Serra Pelada, exatamente 7.052 eram para Curió candidato a deputado federal pelo PDS. Dessa total

forma, ele passou a ser o deputado mais desmoralizado do Estado. Ficou patente que conseguiu eleger-se somente através do uso da violência, da corrupção e da máquina do governo.

A decisão do TRE deve-se a um recurso impetrado pelo PMDB, que denunciou o cerceamento da fiscalização no dia 15 de novembro — seus fiscais chegaram a ser presos e impedidos de atuar —, o tráfico de influência e a dependência econômica direta dos garimpeiros ao governo federal. Os trabalhadores de Serra Pelada vivem sufocados pela polícia do governo. Curió os obriga a acordar toda a madrugada para cancelar o desobedece, e é expulso do território nacional. A Fundação Maurício Grabois



Arnaldo, doente e sem poder trabalhar: